

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

SUMARIO

DA REDAÇÃO:		Pag.		Pag.
Quando interrogar os alunos?	1		Gremios literarios — Mario Magalhães	70
COLABORAÇÃO:			Disciplina e liberdade — Alice de Andrade Santiago	73
A Escola Domestica de Brazopolis — José Alfredo Gomes	2		NOTAS E COMENTARIOS:	
Educação das crianças retardadas — H. Antipoff e Naitos Rezende	21		A proposito dos recreios — Manoel Casasanta	76
O caderno de lições — Jair Guimarães de Paula	29		Como corrigir os defeitos da pronuncia — Mario Casasanta	78
O ensino na Iugoslavia — Maria Aracy Lessa	42		As crianças e a escola — Ruy de Oliveira Santos	80
O problema da inspecção — Diva de Carvalho Faria	45		NOSSA EXPERIENCIA:	
Estravios da pedagogia da escola do trabalho — Juscelino de Aguiar Junior	58		Uma semana pelo campo — Oswaldo Vieira Gonçalves	84
Escorço historico e pedagogico da leitura — Genêsc Murta	60		DAQUI E DALÍ:	
			Escola de Aperfeiçoamento no Brasil	88
			O ensino da geografia	91



QUANDO INTERROGAR OS ALUNOS?

Há, em muitas escolas, o máu habito de determinarem os professores dias e horas para o interrogatorio dos alunos. E' o regime das arguições para os fins de aferir o aproveitamento da classe. A não ser que o mestre seja um habilissimo interrogador, a prática das arguições póde comprometer a obra da escola, que é, essencialmente, uma obra de cooperação entre o professor e o aluno. A interrogação deve ser, mais propriamente, uma conversa, em que o aluno pergunte mais do que o professor, por fôrma a permitir que a curiosidade infantil encontre resposta adequada a satisfazer suas necessidades.

A fôrma de interrogação predominante até aqui atribue ao aluno um simples papel de repetidor, agindo sobre sua memoria de uma maneira perniciososa e reduzindo a sua atividade ao silencio e á quietação.

O que realmente se deseja conseguir nas arguições, é que os alunos falem.

A arte suprema do mestre, — diz Compayré — não consiste em falar, mas fazer falar. E, desta

maneira, as interrogações constituem um excelente exercício de linguagem, habituando o aluno a encontrar a palavra para exprimir exatamente seu pensamento. Desembaraçando-se da timidez, vai também o aluno aprendendo a observar, pesando devidamente a opinião dos outros, adquirindo, enfim, confiança em si mesmo. As perguntas podem exercer uma grande influencia no caráter dos alunos.

*

Nos exames orais, que felizmente estão quasi abolidos em nossas escolas, as perguntas eram a tortura dos alunos, quando não significavam o seu completo fracasso. Formuladas por professores alheios á técnica, as perguntas eram formuladas com o intento prévio de não serem respondidas, e assim elas vinham confusas, incompletas, ambiguas, desordenadas. Eram verdadeiras charadas. Dos exames do fim do ano dependia exclusivamente a sorte do aluno. Muitas vezes, os que mais estudavam durante o ano eram sacrificados dolorosamente.

*

Sendo o aluno quem, verdadeiramente, pergunta, na escola atual, o problema está quasi resol-

vido. Entretanto, póde acontecer que exista por aí alguma escola em que se façam as arguições pelo velho sistêma, e isso deve desaparecer. A pergunta deve estabelecer o dialogo entre o professor e o aluno, com margem ampla para que todos os membros da classe participem das discussões.

Ao professor cabe coordenar as opiniões, dirigindo os debates, orientando os trabalhos, multiplicando as oportunidades para a livre manifestação do pensamento das crianças.

*

A maxima fundamental da pedagogia de S. José de Calazans — não só sob o ponto de vista moral como sob o ponto de vista intelectual — é: “o que faz o mestre é o menos; o importante é o que êle faz o aluno fazer”.

E em suas escolas eram amplamente recomendadas as discussões, porque: “A discussão é o melhor recurso de que póde valer-se um mestre para fazer a revisão da materia. Aviva a curiosidade, desperta a atenção, e, acima de tudo, faz com que a criança complete por sua propria conta as noções recebidas do mestre, entrando, enfim, no segundo periodo da vida de suas idéas, isto é, a colaboração com o professor”.

*

As perguntas, além de outras vantagens, podem ser, dirigidas por um bom professor, magnífica escola de delicadeza e de cortesia.

As perguntas, destinadas a medir, apenas, nem sempre predisõem os alunos a certos sentimentos humanos. Há professores cujas perguntas são mais uma consulta afável do que uma interrogação. E estes, em geral, influem poderosamente sobre os alunos, captando-lhes a confiança e a simpatia, e, portanto, predispondo-os a interessar-se realmente pela escola.

Alimentar o espírito, disse H. Mann, é um dos maiores deveres da escola. O ensino, disse um escritor, é "vida" que se transmite ao aluno. As perguntas que não forem elementos da vida, melhor é que não existam.

A linguagem simples, precisa, fácil é a que as perguntas têm como escôpo ensinar.

O exemplo virá do professor, cujas palavras devem ser entendidas pelas crianças e que estejam dentro de seu vocabulário.

Compayré cita o exemplo de Fouillé acerca de um aluno que sabia dizer de certa flôr que era "um dicotiledoneo gamopetalo, hipogino, da familia das borragineas", em vez de dizer "miosotis".

Ficam aí estas pequenas e rapidas considera-

ções, apenas como motivo para meditações deste importantissimo problema escolar.

De uma maneira geral, a resposta a "Quando interrogar os alunos" é: sempre que fôr possível e sempre que as perguntas dos alunos indicarem que querem falar.

COLABORAÇÃO

A Escola Domestica de Brazopolis

(Conferencia pronunciada na Escola de Aperfeiçoamento por ocasião das reuniões dos assistentes tecnicos do ensino).

Recebi, desvanecido, o honroso convite de V. Excia. para falar do ensino domestico aos Assistentes técnicos do Estado, ora reunidos na Capital, e as alunas da Escola de Aperfeiçoamento.

Embora me reconheça muito abaixo da missão que V. Excia. me outórگا, não hesitaria em cumprir a ordem que para mim representa o seu convite, se não fôra o precário estado de saúde, em que me acho no momento, e a angustia do tempo que me é concedido para preparar-me, transpôr a longa distancia que vai de Brazopolis a Belo-Horizonte, para realizar uma palestra sobre tão importante assunto.

Entretanto, sinto que não posso deixar de corresponder de alguma fôrma ao justo e nobre interesse que V. Excia. demonstra por um aspêto da educação feminina, reputado neste momento, em todo o mundo, como o mais importante de todos os ramos educacionais.

Por isso, alcancei da Diretôra e da Secretária da Escola de Economia Domestica desta cidade, senhorinhas Idalina e Gina Castro, a gentileza de substituir-me.

Tenho a certeza de que serei substituído, com vantagem, por essas duas moças diplomadas na Belgica, a primeira pela Escola Domestica Oficial de Lacken, e a segunda

pela Escola Agrícola-Doméstica oficializada de Wavre-Notre-Dame. A sua cultura, o seu bom senso e o perfeito conhecimento que ambas têm do assunto a versar são garantias da exatidão da minha afirmativa.

Todavia, exmo. sr. Secretario, eu aproveitarei a generosa oportunidade que V. Excia. me proporciona, para, mesmo de longe, dirigir algumas humildes palavras aos artifices da educação e da cultura da juventude mineira aí presentes.

Conto com a sua benevolencia e espero que os meus ouvintes, que são os expoentes do professorado de nossa terra, olhem apenas para a magnitude do assunto em apreço, sem atentar para a roupagem pauperrima com que vai elle revestido, nem para a obscuridade de quem ousa versá-lo perante tão illustres ouvintes.

Falemos, pois, da educação doméstica no seu mais elevado sentido, da sua imensa importancia na defesa dos nossos costumes tradicionais e na formação da nossa nacionalidade; falemos da sua utilidade pratica, imediata e futura, tanto para as classes pobres como para as abastadas e as de recursos médios; destruamos os prejuizos e conceitos erroneos que ainda ha infelizmente acêrca dos fins e dos altos objetivos que tem em vista a Escola de Economia Doméstica.

Mas, perguntar-se-á: que autoridade ou que competencia tem o palestrante para isso? Não tem nenhuma, confesso. Essa autoridade e essa competencia irei pedi-las de emprestimo a alguns vultos de "élite" do nosso século, homens e senhoras, que em varios países do velho mundo têm consagrado a sua vida e os seus talentos á educação da juventude feminina. São as suas idéas, a sua experiencia, os seus pensamentos, e ás vezes até as suas proprias palavras, o que ides ouvir.

Essa falange de pensadores, de sabios, de pedagogos, de espiritos voltados para o levantamento do nivel moral, intelectual e higienico da humanidade, trabalha neste momento em toda a parte pela recondução da mulher ao importante posto para que Deus a creou, com a feição, a delicadeza e os predicados requeridos — o de *menagère* experiente e instruida. Os novos apóstolos do humanitario apostolado lutam pela reintegração da mulher de corpo e alma nas funções que a natureza lhe destinou de esposa e de mãe, no papel sublime de providencia do lar, anjo tutelar da infancia, de plasmadora de caractéres.

A volta da mulher ao lar e a restauração do pudôr e do recato femininos é agora a campanha que preocupa todos os corações bem formados. Esse pudôr e esse recato, perdidos no desbragamento das módas e dos costumes licenciosos, infelizmente infiltrados no seio das mais respeitaveis familias, hão de ressurgir ao tóque de rebate das forças do Bem.

Em vão se tenta explorar a fraqueza feminina; em vão se procura açular os instintos inferiores, tentando levá-los acima da espiritualidade. O espirito há de recobrar o seu dominio soberano sobre a matéria.

E sabeis qual a arma escolhida para essa cruzada, qual a arma unanimemente considerada nos países mais adiantados em matéria de educação, como capaz de triunfar nesse combate? É a Escola de Economia Doméstica.

"Se nos perguntarem qual é no mundo o lugar que nos é mais caro, o sitio para onde o nosso pensamento se dirige constantemente quando estamos longe d'ele, responderiamos imediatamente: "É o nosso lar". E se nos perguntassem ainda: "Por que?" Não teriamos a menor dificuldade em justificar a nossa resposta: "É porque em nosso lar se acham aquêles que nós amamos e que nos amam acima de tudo no mundo; aquêles que de certa maneira fazem parte de nós mesmos: *os nossos, a nossa familia*".

Uma familia, uma casinha, um lar — eis as palavras que sôam docemente aos nossos ouvidos. O lar é para o homem o que o ninho é para o passaro. Mais do que isso, porque os laços que unem os membros da familia humana são bem mais fortes. Durante longos anos a casa paterna nos abriga, quasi sempre até o dia em que nós, por nossa vez, fundamos um outro lar. Passamos assim de uma "nossa casa" a outra "nossa casa"; do lar de nossos pais ao nosso proprio lar.

E quem é que cuida da casa? quem ordena todas as minudencias da vida de familia? Nossa mãe, nossa esposa.

O homem (pai ou esposo) quasi sempre ganha fóra o pão da familia; á mulher incumbem os cuidados do lar e dos filhinhos, a sua criação e primeira educação.

É, pois, indispensavel que as meninas — mulheres de amanhã — se interessem por aprender, antes de qualquer outra ambição intelectual ou profissional, como se cuida da casa, como se póde fazer de um lar, mesmo pobre, o lugar mais encantador da terra, para si e para os seus".

A coisa não é tão simples como parece a alguns espiritos sonhadores e a alguns juízos levianos.

Para desempenhar com eficacia e com elevação o seu papel sublime de esposa e de mãe, a sua missão divina de educadora, a mulher necessita de um longo, acurado e solido preparo, de uma instrução técnica, moral e científica, especial e profunda.

O verdadeiro sentimento do dever de educar, é infelizmente uma coisa ainda quasi desconhecida em nossos lares. Mesmo nas familias beneficiadas por uma boa dona de casa, esse dever não é sempre bem compreendido. As crianças aí são bem cuidadas materialmente: não lhes faltam o asseio e a alimentação a tempo e hora; feito isso, julga-se terminada a tarefa da mãe. E os deveres educativos são superiores a esses outros? Ah! esses deveres são faceis de cumprir: as circunstancias fortuitas, as impressões occasionais indicarão o caminho a seguir. Assim, ou as crianças são estragadas com exagerados mimos e caricias, tornando-se egoistas e orgulhosas, ou são aviltadas pelos castigos mal applicados, tornando-se vitimas das descargas nervosas das mães. E' que estas não sabem conduzir-se e conduzi-las pela razão, nem desenvolver uma ação conscienciosa e continua sobre os educandos.

Para todas as profissões se exige um preparo prévio. O candidato á medicina passa primeiro quasi uma dezena de anos na escola, nos laboratorios e nos hospitais, para que a sociedade lhe confie depois os seus doentes.

O futuro advogado segue primeiro um curso longo e especializado, e só depois desse curso e de alguns anos de prática, é que está apto para defender o direito e a justiça, para interpretar as leis e para o exercicio da magistratura em todas as suas modalidades.

O mesmo acontece com o engenheiro, com o dentista, com o militar, com o arquiteto... e até com o pedreiro e o carpinteiro.

Só para a mais delicada e mais nobre de todas as profissões, a de esposa e de mãe de familia, é que se encaminham as candidatas completamente ás cegas.

Se para os deveres mais transcendentales de dona de casa não ministramos á juventude feminina nenhum preparo, para os deveres ordinarios e materiais, esse preparo, quando há, é falho e inçado de erros e prejuizos.

A experiencia e a prática da jovem esposa são quasi sempre feitas á custa da saude e bastas vezes da propria vida dos membros da familia ou pelo menos dos primeiros filhinhos. E se o fisico dos mimosos rebentos resiste aos erros da mãe estreante, a sua constituição espiritual e o seu caráter arrastarão a vida inteira os estigmas de uma formação viciosa, impressos na delicada e fragil almazinha pela ignorancia materna.

Para cumprir cristãmente a sua missão, a mãe deve penetrar a alma da criança, conhecê-la, conduzi-la, formá-la, ministrar-lhe alimentos espirituais completos e puros, como os materiais que o corpo exige.

A mulher precisa saber ser mãe, não sómente no sentido material, mas tambem no sentido moral e intelectual.

Amar os filhos, acariciá-los, defendê-los, cuidar d'elles materialmente, alimentá-los — isso é uma obrigação natural que todos cumprem instintivamente, bem ou mal, até as proprias feras. Se uma mãe cristã não fizer mais do que isso, não tem mérito algum.

Quantas das nossas jovens brasileiras possuem conhecimentos, mesmo elementares, de enfermaria, de puericultura, de higiene doméstica e alimentar, de psicologia infantil? Em materia de regime alimentar, tanto do ponto de vista do equilibrio organico ou da economia fisiológica, como da economia domestica, nós estamos ainda na mais absoluta ignorancia

Conhecer técnica e cientificamente os labores de um lar bem organizado, desde a assistencia a um doente, o asseio e a ordem da casa, até a composição e o preparo dos alimentos ou os cuidados materiais e morais que requerem as criancinhas, não é uma necessidade exclusiva das classes pobres ou das classes ricas, mas de todas as moças pobres ou ricas que se destinam a dirigir uma casa ou a educar a juventude. As pobres devem aprender para saberem fazer bem; as abastadas, para saberem mandar, administrar, fiscalizar... e para saberem fazer tambem quando fôr preciso, por que não?

O trabalho é uma necessidade para todos, porque é uma lei divina, e todo aquê que procura fugir a essa lei se transforma em um eterno descontente, um infeliz. Deus, em sua sabedoria divina, impôs-nos a todos o trabalho, não sómente para o provimento de nossas necessidades materiais, como para nosso aperfeiçoamento moral. E' no trabalho que todos nós, ricos e pobres, encontramos o encanto da

vida, além da abundância e do conforto. E' trabalhando, quer no provimento da nossa propria subsistencia, quer auxiliando o nosso proximo, que nos evitamos o tédio, o aborrecimento e, ás vezes, até os mais vergonhosos vicios.

Santo Antão, que viveu no terceiro ou quarto século da nossa era — ouviu, quando era mocinho, uma homilia acêrea desta passagem do Evangelho: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, distribue o seu produto aos pobres, depois vem e segue-me".

Impressionado por estas divinas palavras, vendeu todos os seus haveres, repartiu o dinheiro pelos pobres e retirou-se para o deserto. Mas, ao cabo de longas orações e duras penitências, assaltado incessantemente por horríveis tentações, sentiu-se incapaz de prosseguir no caminho da perfeição evangélica . . . e resolveu entregar-se de novo aos vicios e prazeres do mundo. Quando se ia retirando da pobre caverna que escolhera para moradia, voltou-se afim de lançar-lhe um ultimo olhar de despedida. Viu então, com surpresa e assombro, um Anjo em seu lugar. O Mensageiro divino, depois de rezar por algum tempo, começou a trabalhar, interrompendo o trabalho de quando em quando, para tornar á oração. Por fim, dirigiu ao monge estas palavras: "Antão, para subir ao céu, é necessario pôr em movimento essas duas asas que o Senhor legou á humanidade: *oração e trabalho*. Usando de uma só, como tens feito, é impossivel chegar até Deus. Antão, desde aquêlê dia, começou a alternar o trabalho com a oração e se tornou o mais celebre eremita dos desertos da Thebaida, o iniciador dos conventos ou comunidades religiosas em que se reuniram os solitários do Egipto, e o propagador do monaquismo oriental na Europa.

Esta béla história, entre tantas outras tão fecundas em ensinamentos, que nos vem da infancia do cristianismo — eu a recordo aqui para mostrar que nem as mais nobres ocupações da alma substituem o trabalho.

O trabalho é uma lei divina que não se transgride impunemente. E' o mais santo e o melhor dos passatempos.

A Escola de Economia Domestica Modelo deve ser uma escola de trabalho por excelencia, sem deixar de ser tambem uma escola de cultura intelectual das mais completas. E' a tal instituto educativo que cabe preencher as lacunas que vimos apontando na educação da nossa juventude feminina.

Mas para que o exito dessa instituição seja completo e rápido, para que éla possa fazer todo o bem que promete, é necessario que vós todos lhe presteis o vosso apoio moral e material, o calor de vossa simpatia e do vosso entusiasmo.

Esta obra é uma obra de patriotismo, um empreendimento de elevado alcance social, que há de triunfar cedo ou tarde, a despeito de todos os obstaculos; porém, tanto maior será a gloria que esta instituição há de dar á nossa terra, quanto mais intensa fôr a colaboração do professorado do nosso Estado e de todas as inteligencias esclarecidas em prol da sua consolidação e da sua vitória imediata.

Mas . . . não é só para as moças destinadas ao casamento que o diploma de *menagère* se torna indispensavel e precioso. Eu estou mesmo a adivinhar o pensamento um tanto malicioso de minhas ouvintes: "A conclusão dos argumentos com que este massador nos quer convencer, é que toda moça precisa e deve casar-se, custe o que custar; sua missão é o casamento; o que éle nos préga, é o casamento".

— Não, absolutamente. Eu penso realmente que o casamento deve ser mesmo a regra, e o celibato, a exceção; mas Deus me livre de lançar uma censura sobre o celibato e muito menos sobre as celibatarias, que, no curso da história, nos têm fornecido magnificos exemplares em todas as carreiras e profissões, graças naturalmente á maior liberdade de ação que elas gosam. Não é necessario casar-se para completar o homem na comunhão social. A mulher póde completá-lo junto de um pai, de um irmão, de um tio, de um sobrinho ou cercada de crianças, desempenhando, por altruisimo ou profissionalmente, a missão de educadora. Eu irei mais longe mesmo, e direi que a mulher celibataria póde desempenhar sempre melhor esse papel, do que a mulher casada, porque não tem como esta o embaraço de uma multidão de pequenos deveres materiais que lhe são proprios.

O preparo que o curso domestico integral fornece, tal como se póde deduzir do nosso programma, abre á portadora do respectivo diploma, as portas de variadissimas profissões. A mulher sairá da Escola Domestica apta para a vida, qualquer que venha a ser a sua posição ou o seu estado no mundo. Mas a sua aptidão maior será para o papel de educadora. Educar é mais necessario ainda e mais util do que instruir. A *menagère* educada e instruida em nossa Escola, estará habilitada suficientemente para instruir,

porém, mais habilitada para educar; conseguintemente, apta para o magistério, se quisér seguir essa carreira, sobretudo para o magistério rural.

“As professoras que não possuem as qualidades de educadoras, não podem obter jámais, apreciáveis progressos em seus alunos. A maior parte delas vive a maldizer da sua profissão. Em vez de procurarem captar o interesse e conquistar a simpatia das crianças, olham-nas como inimigas e gastam o seu tempo e os seus nervos a se queixarem das *malfetorias, richas e rusgas* daquêles *insuportáveis demoniosinhos*, como elas os chamam, os *peiores do mundo*”.

Entretanto, á professora formada em uma verdadeira casa de educação, como deve ser a Escola Domestica, não acontecerá tal cousa, porque ela saberá que “o seu primeiro dever — segundo a celebre frase de Sazmann — é procurar em si mesmo as causas das faltas de seus discipulos”. E, se a causa remota ou imediata de tais faltas fôr a parcialidade dos progenitores, a sua hostilidade para com a escola e o corpo docente respectivo — não ha que hesitar: o caminho é uma aproximação estreita e cordial com esses pais, e os mal-entendidos desaparecerão. E’ a influencia educadora da verdadeira docente, estendendo-se até á casa dos seus alunos, no desempenho da sua nobilissima e sagrada missão.

Estas observações, nos demonstram eloquentemente que os defeitos e as virtudes dos sêres humanos, são mais ou menos os mesmos em toda parte e que os métodos triunfantes em um país, no combate daquêles e aperfeiçoamento destas, devem ser transplantados e adaptados a outros.

O Ministro do Trabalho da Alemanha distribuiu, no ano passado, a todas as comunas ou municipalidades, uma circular que vem, a *talho de foice*, ilustrar algumas das afirmativas que tendes ouvido no correr desta palavra:

O ensino *menager* — diz a citada circular — é destinado ás moças de todas as classes sociais; êle ministra-lhes uma formação prática, tornando-as uteis á familia e iniciando-as no seu futuro papel de esposas e de mães, ou, eventualmente, preparando-as a ganhar a vida. Em ligação com o ensino *menager*, cursos de ensino profissional preparam as moças para vários mistêres e até mesmo para a carreira commercial.

Em nossas principais cidades, existem escolas profissionais para moças, que podem ser citadas como exemplo”.

A deputação permanente da provincia do Hainaut, na Belgica, “considerando que a economia domestica, a cozinha, a lavagem, a passagem a ferro, a arte dos remendos e concertos, a hygiene e a puericultura devem ser a base da educação da mulher, qualquer que seja a sua situação social” — bateu-se arduamente para que “a partir de 15 de setembro de 1926, nenhuma moça fosse admitida como aluna de qualquer escola post-primaria se não provasse estar seguindo um curso de educação domestica”.

Mme. Helena Burniaux, educadora de grande nomeada na Belgica, e uma das mais decididas pioneiras do ensino domestico, comentando essa campanha da deputação do Hainaut, afirma, em um interessante artigo, que “a educação menagère contribuirá para o desenvolvimento geral da mulher. O essencial em cozinha, por exemplo, (escreve ella) não é aprender a preparar tal ou tar cardápio, este ou aquê-le prato; o essencial é saber o valor de cada alimento na nossa alimentação quotidiana, a maneira como é assimilado ou absorvido, e os seus efeitos em nosso organismo; é estudar todos os sistemas e modos de preparação e apresentação que se applicam a esta ou áquela categoria de alimentos, permitindo a uma bôa *menagère* a apresentação de um mesmo produto sob cem fórmulas diferentes”.

A “Federação Socialista”, de Bruxelas, inscreveu em sua bandeira partidária “a obrigatoriedade do ensino domestico e do ensino profissional feminino”.

Paulo Bouillard, em um trabalho sobre Victor Sivan, o fundador dos Cursos de Cozinha Familiar na Belgica, inicia o seu belo artigo com estas palavras de Victor Margueritte, em fórmula de epigrafe: “A alimentação racional devia ser a base da educação feminina”. Depois, tratando da emancipação da mulher, parafraseia estas imortais palavras de Helena Burniaux: “Emancipação da mulher não é a mulher fóra do lar, ridicularizando-se em atitudes incompatíveis com a dignidade feminina; é, ao contrario, a mulher no lar, igual ao homem, gozando dos mesmos direitos civicos e politicos, acumulando para a educação de sua próle, juntamente com a cultura intelectual, todos os tesouros do seu coração e do seu espirito, verdadeira colaboradora de seu marido, qualquer que seja a profissão que este exerça.

Na Suissa, o Conselho Superior do Ensino Técnico, tendo elaborado um programa para as escolas profissionais de moças, faz do *ensino de economia domestica* e da hygiene, as disciplinas capitais desse programa.

Não posso resistir ao desejo de repetir aqui estas duas importantes conclusões aprovadas pelo Conselho, ao cabo de interessantíssima discussão em torno do assunto:

"1.º — A necessidade de uma educação doméstica obrigatória para todas as moças, qualquer que seja a sua condição de vida e de fortuna.

"2.º — A necessidade, igualmente imperiosa, de transmitir às educandas os imensos progressos realizados na arte doméstica, favorecendo-lhes a concepção de um ideal de *bem viver*, capaz de influenciar sua conduta no futuro".

Nesse mesmo país que acabo de citar, essa montanhosa Suíça, a que costumam comparar a nossa querida terra mincira, há varias associações de Senhoras ilustres, exclusivamente destinadas a trabalhar pela educação feminina e pela elevação do nível intelectual da mulher suíça. Uma das mais importantes dessas corporações, sinão a mais importante, é a "Aliança das Sociedades Femininas Suíças", de cuja diretoria fazem parte as mais brilhantes e mais notáveis cerebrações femininas do país. Margarida Evard, vice-presidente da "Comissão de Educação Nacional" da "Aliança", publicou no ano passado um interessante opusculo sob o titulo "A Mulher Suíça Educadora, na familia, na escola e na sociedade". Esse opusculo é o resultado de um inquerito feito pela autora acêrca do assunto, em todas as classes sociais do país, e resume o pensamento e as tendencias das notabilidades suíças em materia de educação feminina. E' esta a conclusão a que chegou a illustre escritora: "Segundo as opiniões emitidas pelas educadoras e pelas mães concientes do nobre ideal de uma educação especificamente feminina, é este o caminho a seguir com firmeza e sem hesitação: educação fisica bem adaptada ao sexo, formação religiosa, ensino domestico espalhado por todas as classes e por todo o país (economia domestica, puericultura, pedagogia familiar, etc.), e a sua introdução nas escolas médias e superiores, onde se ministrará uma preparação maternal obrigatória; ensino domestico e preparação maternal, post-primaria obrigatória e gratuita para as moças pobres; formação civica acêrca das grandes questões nacionais e internacionais, para todas as moças; educação pacifista e politica; vida social e obars de filantropia; formação mais completa do caráter; elevação do sentimento da dignidade feminina, segundo um nobre ideal; cultura afetiva que faça da mulher mais senhora de si mesma e melhor educadora no lar, na escola e na sociedade".

"Pour que l'homme vaille tout son prix, il faut que la femme vaille aussi tout le sien", assim termina a notavel educadora.

Segundo o pensamento expresso pelos fundadores dos grandes e antigos institutos católicos de Menzingen e Ingenbohl, — o padre Teodosio Florentino e a Madre Maria Teresa Scherer — esses estabelecimentos de educação e ensino deviam "antes e acima de tudo, formar mães perfeitamente preparadas, moral e pedagogicamente"; porque, se ha razão para se dizer sempre, em face de qualquer crime cometido pelo homem: "cherchez la femme", muito mais verdadeiro é dizer-se, diante dos grandes atos de virtude do homem: "cherchez la mère".

Na America do Norte, o Chefe de Policia dos Desaparecidos, autoridade que tem por função, naquêle país, guiar aos lares os transviados, impressionado com o numero de moças que abandonam a casa dos pais e desaparecem, numero que atingiu em 1927 a mais de vinte mil, sugêre a propagação e intensificação do ensino das artes e ciencias domesticas, bem como a formação, por meio da escola, de um alto ideal da vida de familia, como meio de combater o grande mal social que vai minando aquêle país.

Na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Belgica e na Suíça, está se fazendo intensa propaganda do ensino de economia domestica ás moças das classes proletarias, como meio de melhorar a vida dos operarios, proporcionando-lhes mais conforto com o mesmo salario ganho por cada um.

Em face dessa corrente que se avoluma dia a dia e cada vez mais em todo o mundo, no sentido da educação domestica, o governo do nosso Estado, presidido por um grande brasileiro de vontade de aço, espirito culto e elevado patriotismo, não podia permanecer indifferente ao grande problema educacional. E não ficou. Nem podia ficar, porque Minas é hoje, em materia de instrução e educação, o Estado vanguardeiro.

— Minhas senhoras, vós sabeis que a discreção, o recato e pudôr constituem uma lei profunda para o sêr feminino. Assim sendo, a missão da mulher deve ser, antes de tudo, interior, e não será por isso menos poderosa. Ela pôde e deve ocupar-se de ciencia, mas não para fazer da sua ciencia uma especie de pedestal em que subirá para ser vista de todo o mundo. Os seus estudos scientificos devem ter por unico objetivo aprender a conhecer melhor a sua vocação de amor e de abnegação e a cumpri-la tão escrupulosamente

quanto possível. Ela pôde interessar-se também pela política (eu me refiro á politica na acepção legitima e elevada do vocabulo), mas em casa, influindo em seu pai, seu irmão, ou seu marido, sustentando as causas justas e honestas, não nas praças publicas ou nas salas de reuniões.

A atividade da mulher poderá desdobrar-se em três esféras diferentes: três círculos concentricos, sucedendo-se pela ordem de importancia:

No 1.º círculo está a mulher, estudando-se a si mesma e desenvolvendo a sua propria personalidade.

No 2.º está a familia, em cujo seio a mulher tem de desenvolver a sua ação.

No 3.º está a sociedade, em que a mulher é chamada a viver e na qual terá de exercer também a sua influencia real, porém, menos sensível do que na familia.

Cada menina possui em si o germen de uma personalidade distinta das outras. Ela deve aplicar-se por se conhecer a si mesma, afim de desenvolver esse germe que será mais tarde a sua personalidade.

Se é verdade que a imitação representa um grande papel na educação, não devemos, entretanto, exagerar a importancia desse papel, acreditando que a imitação seja tudo. Procurar imitar servilmente os outros, fazer como todo o mundo, é cair na banalidade. Entenda-se bem: eu não quero fazer o elogio de certas originalidades de mau quilate que buscam singularizar-se para atrair sobre si a atenção e os olhares dos outros; nada assenta tão mal em uma moça, como tais originalidades.

No meio termo é que está a virtude. Se a contínua preocupação da mulher fôr a satisfação de si mesma, a satisfação dos seus instintos para gozar o mais possível chegará então a cruéis decepções.

Procurar a verdade, a beleza e o bem, tendo em cada um desses dominios um idéal tão elevado quanto possível; cultivar a intelligencia por meio de leituras sãs e fortificantes; os sentimentos, pelo amor do belo e de puras afeições; a vontade, pela energia desenvolvida na luta contra o mal — tais são as occupações mais nobres da mulher. Nada do que é humano lhe deve ser estranho. "Tudo que é verdadeiro — diz o Apostolo — tudo o que é honroso, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amavel, tudo o que merece aprovação, tudo o que é virtuoso e digno de louvor — seja objéto dos seus pensamentos.

O patrimonio intelectual, moral e técnico que a mulher aprende a formar na Escola Domestica, será mais tarde empregado em beneficio da sociedade e antes de tudo em beneficio dos membros da sua familia. E' preciso que o pai, o irmão ou o esposo encontrem no lar o que êles não podem ou não devem procurar alhures.

A maior parte dos pais, dos esposos e dos jovens que se perdem nos prostibulos, nas tavernas e casas de taboagem, são aí arrastados simplesmente, porque, ao regressarem ao lar, fatigados ou aborrecidos pelos trabalhos ou decepções da vida, não encontraram lá uma esposa, uma irmã, uma filha, fiel no seu posto, para dissipar-lhes as sombrias impressões da jornada.

Cabe á mulher adoçar as relações entre os membros da familia, servir de traço de união entre os homens; a elas o papel precioso do oleo que suaviza o atrito das engrenagens, no movimento dessa complicada máquina que é a familia, ou dessa outra, ainda mais complexa, que é a sociedade.

Mas para cumprir todos esses deveres, tão pequenos na apparencia e tão grandes e numerosos na realidade, é preciso que a mulher se esqueça de si mesma, viva nos outros e para os outros.

Só depois de cumpridos os seus deveres para consigo e para com suas familias, é que a mulher pôde empregar a sua atividade fóra, na sociedade a que pertence.

A luta contra o mal não pertence ao homem sómente.

O cinema, que é hoje uma diversão quasi tão indispensavel como o pão de cada dia, nos apresenta diariamente costumes estranhos, módas exageradas, fórmulas esdruxulas de embelezamento, contra os quais é necessario que estejamos muito prevenidos, sob pena de perdermos a nossa personalidade.

A simplicidade e a naturalidade, foram sempre as expressões mais puras e mais altas da beleza, em todos os tempos, e hão de continuar a sê-lo, enquanto o mundo fôr mundo. As fórmulas convencionais e artificiosas, quer na literatura, quer nas artes, quer na vida real, assinalam sempre na historia as épocas de decadencia: são nuvens que passam. Depois dessas crises de mau gosto, voltam a imperar sempre, com a luz da razão, a simplicidade e a naturalidade, como o sol quando se desfaz o nevoeiro que lhe empana o brilho.

Toda esta digressão, que parece tão fóra dos objetivos práticos desta palestra, tem por fim pôr em evidencia quanto ha a fazer na educação da mulher — das futuras esposas, mães e educadoras brasileiras — para que as gerações que nos sucederem não venham a ser piores ou menos brasileiras do que nós, porém, mais brasileiras e melhores do que nós: física, moral e intelectualmente.

Essa grande tarefa pertence á escola e ao lar, em uma estreita e continua conjugação de esforços.

E para que o lar possa ajudar a escola, é necessario que a mãe aprenda a desempenhar o seu papel e tenha a nítida consciencia da sua missão.

Daí, a nessecidade das escolas domesticas.

Outro aspéto interessantissimo, para nós, do ensino domestico, é o que se relaciona com a educação da juventude roceira.

E' um ponto fóra de discussão que a educação rural, o ensino dos filhos dos lavradores, deve ser especializado e bem diferente do ensino ministrado na cidade.

E nenhum instituto de educação ha, mais apto para preparar as docentes das escolas rurais, do que as escolas de economia domestica bem organizadas e dotadas de todas as instalações necessarias a um ensino eminentemente práctico.

“O ensino domestico — diz um escritor patricio — com o seu caráter eminentemente educacional e com a sua pedagogia familiar bem sistematizada e desenvolvida, é uma obra fundamental para o progresso da civilização.

“E' preciso apressar, com a educação domestica, a solução dos problemas da vida rural no Brasil”.

“Urge levar á escola primaria a possível iniciação da vida do lar”.

“Mas nenhum programa nesse sentido terá valor, se a professora não fôr capaz de lhe dar vida e execução com amor, carinho, paciencia e esforço. Para o ensino domestico na escola primaria, é indispensavel a especialização do professorado, e é preciso aproximar quanto possível a vida da escola á vida da familia; não é só questão de ensino, e sim, de educação”.

A civilização brasileira depende e ha de depender por largo tempo exclusivamente da agricultura. E', pois, urgente

que convirjamos todos os nossos esforços na civilização das nossas populações agricultoras, no levantamento do seu nivel intelectual e da sua cultura técnica.

Visando esse objetivo patriotico, a Prefeitura Municipal de Brazopolis está executando desde o ano passado um programa de ensino rural, que, ampliado e aperfeiçoado, poderia ser adotado pelo Estado e posto em prática, em colaboração com os municipios.

“Cada bairro do municipio que desejar possuir a sua “Escola-Granja”, deve eleger a sua Comissão Protetora da Educação, que promoverá, com o auxilio do governo municipal, a aquisição de um campo de pelo menos 2 hectares, em local salubre, que possa ser abastecido de bôa agua potavel, e em seguida a construção da casa escolar, de acôrdo com o tipo adotado pela Prefeitura.

“Nenhuma escola rural nova será creada, sem que a população do bairro respectivo coopere com a Prefeitura na formação do patrimonio escolar, constante da casa, terreno e respectivas instalações.

Dispõe, mais, textualmente, a citada lei municipal:

— O ensino terá nas escolas rurais municipais uma orientação acentuadamente agricola, e as respectivas professoras, sem se descurarem da alfabetização da juventude, se preocuparão mais atenta e esforçadamente do problema propriamente educativo e particularmente com a educação rural.

— A propria organização domestica da professora deve ser uma escola viva para os seus alunos. Em beneficio proprio e do ensino, a professora deve explorar na pequena propriedade escolar as industrias domesticas apropriadas a um lar roceiro, como a cultura da horta, do pomar, do jardim; a criação de abelhas, de aves, do bicho da sêda, de suinos e outros, que forem praticaveis e que, proporcionando conforto ao lar domestico da professora, constituam uma lição concrêta e um exemplo vivo e positivo de bôa organização domestica, bons métodos de trabalho, de vida higienica, simples e laboriosa.

— Para provimento das novas cadeiras municipais rurais e das antigas que se vagarem, terão preferenica as moças diplomadas pela Escola de Economia Domestica N. S. Aparecida, desta cidade. Sómente na falta de candidatas diplomadas pela Escola Domestica, poderão ser nomeadas outras condidatas que provarem habilitação para preencher a cadeira criada ou vaga.

— Estudar no livro da natureza antes de estudar nos livros alfabéticos, aprender fazendo, tal é o lema de escola, que deve ser transplantado para as Escolas rurais.

Aperfeiçoado o sistema, ao município poderia caber a obrigação de fornecer o campo (3 ou 4 hectares), e a casa pronta com as instalações necessárias; ao Estado caberia o fornecimento do mobiliário escolar, o material técnico do ensino, a professora e a assistência técnico e orientadora.

E' forçoso terminar, e eu o faço pedindo-vos perdão pela dura prova a que submeti á vossa paciência.

O mundo aperfeiçoa dia a dia as armas do mal. O genio do bem tem que aperfeiçoar igualmente as armas do bem, para que, na luta, o mal não continue a levar vantagem.

Para nós o genio do bem se encontra na mãe brasileira, na educadora brasileira.

E' preciso, pois, preparar a mãe brasileira, a educadora brasileira, tecnicamente, cientificamente, para que a sua grande missão, a maior de quantas existem no mundo, tenha desempenho condigno.

Mas não é concorrendo com o homem no exercicio das profissões masculinas que a mulher desempenha a sua missão social e conquista a sua independência. Não.

A mulher foi dotada por Deus de determinadas faculdades físicas e psíquicas, para o desempenho de determinadas funções materiais e morais. Seja qual fôr o seu esforço, a sua atividade, a sua cultura, ela não se libertará jámais dessas faculdades naturais que lhe conferiu o Creador. E é pondo-se em harmonia com essas faculdades, que a mulher desempenhará a sua missão sublime e encontrará na terra a relativa felicidade.

A Escola Domestica tem por escôpo aprimorar-lhe justamente essas faculdades particulares, de molde a proporcionar-lhe maiores probabilidades de exito no desempenho do seu importante papel social.

Eu sonho que o Brasil de amanhã será tão grande, material, intelectual e moralmente, que nas suas fontes virão abeberar-se, no futuro, os povos do velho mundo.

A alma do velho continente virá buscar aqui um dia o rejuvenescimento e a restauração da vitalidade. E' o que nos indica a historia da civilização, o sentido da sua marcha.

E é sobre os ombros da juventude feminina que hoje está se educando para a vida, que se há de apoiar todo o peso dessa grandeza futura de nossa Patria.

Não ha um minuto a perder. Colhamos, enquanto é tempo, tudo quanto ainda existe, na civilização do velho mundo, de puro, de belo, de nobre e de alto; amassemos esses elementos no cimento de nossas tradições e levantemos a obra de nossa civilização. Depois, nesse monumento gigantesco, instilemos uma alma: a alma brasileira, feita de todas as nossas almas.

A obra pertence á mulher brasileira.

Não á mulher mundana, á mulher dos salões de bailes, á mulher da moda, ou á mulher eleitora, advogada ou fazedora de "meetings"; mas á mulher educadora, á mulher mãe; á mulher esposa, á mulher do lar.

Eis porque devemos dar á educação da juventude feminina uma nova orientação, para que a mulher readquira aquêlo prestigio glorioso que ela exerceu outróra na sociedade, graças á sua pureza, ao seu recato e ao seu devotamento sublime ao lar e á familia.

JOSE' ALFREDO GOMES.

Educação das crianças retardadas

ORTOPEDIA MENTAL

por H. Antipoff e Naitres Rezende.

Exercicios de atenção

A educação das crianças retardadas exige um trabalho especial para disciplinar sua atenção, insuficiente, na maioria dos casos.

Conforme mostrou a psicologia, a atenção não é uma aptidão isolada, mas representa um estado psiquico que acompanha os outros estados de conciencia. Sem atenção, seriam impossiveis quaisquer sensações ou percepções, ou o raciocinio, etc.

A atenção é "un mode possible de tout processus", diz Ruysen. Esta participação da atenção em todo trabalho intellectoal fez dizer a Meumann que atenção é sinonimo de trabalho mental.

Do ponto de vista neuro-fisiologico, o áto da atenção é condicionado provavelmente pela irrigação sanguinea intensa dos centros nervosos, utilizados em dado processo: a atenção deve ser uma mobilização do fluxo nervoso em

dada zona cerebral; é "a concentração da atividade cerebral", diz W. James.

Do ponto de vista da conduta exterior do individuo, o ato da atenção "é uma atitude de concentração, na qual tomam parte todos os órgãos necessários" (Binet). Esta adaptação sensomotora é de tal modo importante na atenção que Ribot não teme dizer que, "suprimindo totalmente os movimentos, suprimiremos totalmente a atenção".

Enfim, do ponto de vista psicologico, a atenção consiste no "aumento de atividade intelectual, seja espontanea, seja voluntária, e na direção desta sobre um objeto ou conjunto de objetos que, na ausencia deste fenomeno, ficariam fóra do campo da consciencia, ou não ocupariam dele sinão uma parte minjma". (Vocabulaire de Philosophie, de Lalande). Assim, o caráter essencial da atenção ou o efeito psiquico do ato da atenção é tornar menos mole, menos confuso, portanto, mais vivo, mais nitido, todo estado de consciencia. Estes estados tornam-se preponderantes, senão unicos em nossa consciencia, com exclusão de todo outro fato psiquico, e é por isto que Ribot qualifica a atenção de *monoidismo*.

A atenção, que é, talvez, entre os fenomenos psiquicos, o que melhor se presta á educação, consistirá principalmente em crear na criança um habito de espirito. A educação moderna preocupa-se grandemente com o problema da atenção, que éla resolve pela utilização do interesse das crianças. A evolução normal dos interesses conduz a criança, formada pela escola ativa, naturalmente, para as fórmulas superiores da atividade: do jogo do trabalho, pela via do interesse imediato, conduzindo ao esforço sustentador.

Esta é a via normal. Mas nos seres constitucionalmente deficientes, nos seres dotados, pela hereditariedade, de um sistema nervoso enfraquecido, ou ainda naquêles a que um meio desordenado e uma vida sem regras falsearam desde a mais tenra idade todos os habitos — nestas crianças a educação da atenção deve ser auxiliada por meios mais analiticos, mais artificiais, pelos exercicios de ortopedia mental.

A educação da atenção póde reduzir-se, grosso modo, a tres operações essenciais: á concentração momentanea da energia mental, á sua manutenção sobre dada tarefa durante um tempo mais ou menos longo, enfim, á distribuição da energia sobre varias tarefas, ao mesmo tempo.

Os exercicios de atenção consistirão em despertar na criança a prontidão e a flexibilidade para dirigir os órgãos

dos sentidos e adaptar o corpo na direção necessaria. Quanto mais ela fôr treinada nesta ginástica sensomotora, tanto mais oportunidade terão as impressões, mesmo as mais leves e delicadas, de penetrar no campo de sua consciencia.

A atenção não se limita, porém, a iluminar momentaneamente a "noite psiquica". É preciso ainda não deixar fugir a claridade e conservá-la todo o tempo necessario, inibindo as entradas das outras impressões.

Por outro lado, é perigoso deixar-se absorver inteiramente por um objeto: o homem no estado hipnotico — este é o exemplo de um monoidismo extremo — está, biologicamente falando, mal adaptado, pois sua consciencia fica fechada para tudo que não seja a idéa sugerida. É util, pois, desenvolver na criança não sómente a concentração da atenção, como também a faculdade de distribuí-la por muitos objetos ao mesmo tempo.

Aquêles que sabe dar sua atenção a muitas tarefas simultaneamente, ganha tanto sob o ponto de vista de sua segurança como sob o ponto de vista da atividade. Arquimedes perdeu a vida, pelo fato de se ter deixado absorver inteiramente por suas reflexões. Muitos sabios são vitimas das distrações mais ridiculas, porque, absorvendo-se profundamente em um assunto, deixam de lado os fatos mais banais, porém importantes para a vida.

Ao contrario, em certos homens de genio como Cesar, Napoleão, o poder de dividir a atenção era tão grande, que êles economizavam o tempo ditando, por exemplo, quatro cartas simultaneamente, e escrevendo uma quinta.

Vamos, pois, nos exercicios que se seguem, procurar desenvolver na criança suas três "atensões": a fixação imediata, a concentração continua e a faculdade de distribuir a energia mental por vários objetos ao mesmo tempo. A primeira operação foi já grandemente exercitada nos primeiros capitulos de nossa ortopedia mental; na reatividade, a atenção tem um papel primordial, assim como na imitação, na observação; as duas outras serão treinadas pelos exercicios abaixo indicados.

Como ha de notar-se, todos êles são ligados apenas ás técnicas senso-motoras. Mas, acreditando no poder no fenomeno importante, na educação — no "*transfert*", — esperamos que este treino vá favorecer ao mesmo tempo a atenção, ligada aos outros dominios mentais.

a) *Exercícios da atenção concentrada*

Desenhar no quadro ou preparar de antemão, numa prancha, um quadrado ou um círculo, divididos em cinco retângulos ou setores. Em cada uma das divisões, numeradas de 1 a 5, desenham-se pontos, cruzes, estrelas, flôres ou quaisquer outras figuras visíveis a uma distancia de 6-7 metros. A primeira divisão contém poucos desenhos (4-5); a segunda contém maior numero (8-9); a terceira, 15; a quarta, 30. Esses desenhos se distribuem sem ordem alguma, mas as aglomerações das primeiras divisões são mais faceis de contar, ao passo que nas divisões seguintes os desenhos são disseminados ao acaso, e a sua contagem é mais difficil.

As crianças vão contar em voz baixa o numero dos pontos de cada divisão e o inscrevem numa folha, em frente dos numeros, indo de 1 a 5. Se os alunos não sabem escrever, o mestre pede o resultado oralmente, ou, então, as crianças podem marcar na sua folha o numero de barras ou pontos correspondentes ao numero dos desenhos do quadro (Test de Rybakoff).

b) *Exercício de atenção com escolha* — O mestre expõe no quadro negro uma prancha com o desenho das frutas ou dos legumes. Entre essas frutas ha, por exemplo, três bananas, seis mangas, dez maçãs, doze jaboticabas e dezoito grãos de uva.

Todas essas frutas são desenhadas proximamente no quadro. As crianças terão que contar separadamente, primeiro, as bananas, depois as mangas, depois as maçãs, as jaboticabas, e, enfim, as uvas, inscrevendo, para cada fruta, o numero contado numa folha de papel ou, se não souber escrever, desenhar cada fruta tantas vezes quantas ela se achar no quadro, ou indicando o numero oralmente.

c) O mesmo exercício póde ser feito por meio das figuras geometricas, que serão distribuidas em colunas verticais ou horizontais, por exemplo: quadrado, retângulo, círculo, triangulo, trapesio. As crianças deverão contar separadamente, e escrever o numero, cada especie de figuras ou, como precedentemente, marcá-las convencionalmente. (Este exercício se parece com o do professor Sante de Sanctis, em sua série de tests para a despistagem dos anormais).

d) Um exercício excelente de atenção concentrada e de duração mais ou menos longa póde constituir o test classico de *cancelação*, do psiquiatra francês — Bourdon.

Cada criança recebe uma folha do test impresso: por exemplo, um retalho de jornal, uma circular sem prestimo, etc., a não ser que tenha um texto *ad hoc*. O exercício consistirá em barrar nesse texto certas letras; começar-se-á por grifar uma ou duas; mais tarde, com a prática, as crianças poderão barrar simultaneamente quatro ou cinco: por exemplo, mandar-se-á, no primeiro exercício, grifar durante tres minutos todas as letras "a" que se encontrarem no texto; na segunda vez, mandar-se-á grifar, por exemplo, as letras "r" e "s"; depois, as vogais *a, o, i*; depois, as letras *t, f, l, m*, e assim por diante.

Uma vez terminado o exercício, as crianças poderão contar quantas letras barraram e verificar se algumas não tinham sido esquecidas ou, então, se algumas outras letras não foram barradas por descuido.

Essas duas ultimas categorias, as crianças as marcarão a lapis de côr.

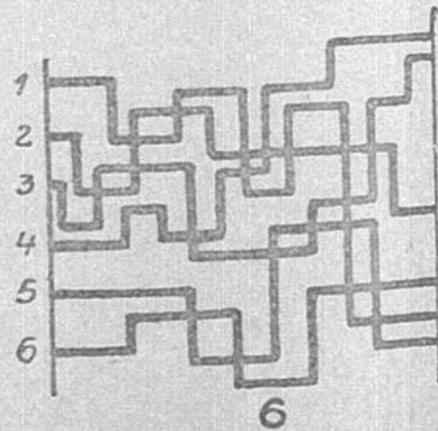
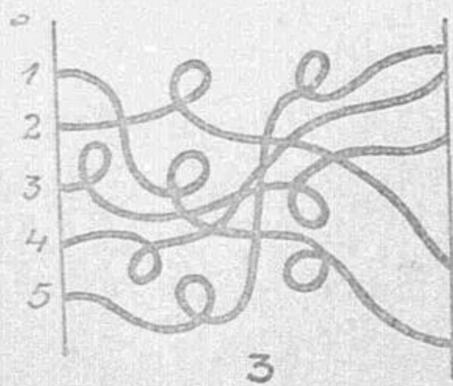
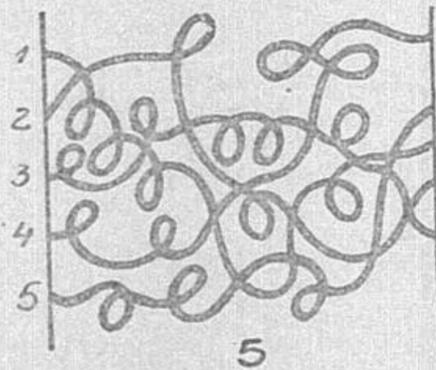
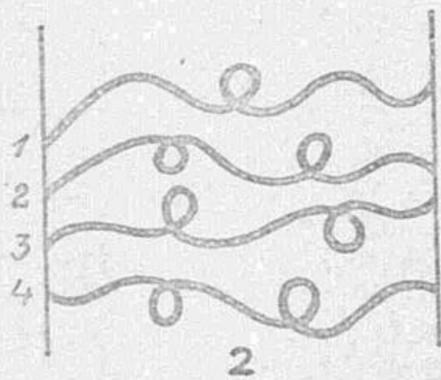
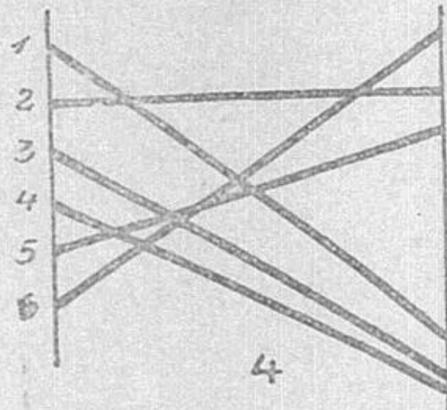
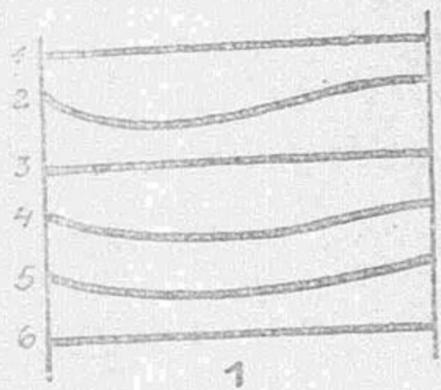
Como já mostrámos muitas vezes previamente, os primeiros exercícios podem servir, ao mestre, de prova psicologica (neste caso, uma vez finda a duração marcada, o mestre recolherá os tests e corrigirá, êle proprio, o trabalho, podendo assim julgar o resultado de cada criança em comparação com as outras, obtido nas mesmas condições). O primeiro exercício será, pois, empregado á guisa de test de atenção; os seguintes, como meio de prática e de educação, deixa a retomar a primeira função, alguns meses depois, o primeiro ensaio, para vêr os progressos das crianças.

e) Em lugar de um texto impresso, pode-se servir de uma serie de letras impressas, sem que estas forem palavras nem frases. Este caminho é mais comodo para a correção e apreciação dos resultados, porque é facil compôr a serie das letras de tal modo que o numero de cada uma delas seja identico em uma serie de 100 por exemplo.

f) As crianças recebem uma folha de papel quadriculado ou caderno escolar n. 3 (para maior economia e comodidade, os cadernos são partidos no meio por um corte horizontal, resultando assim duas cadernetas de um caderno). Elas vão colorir os quadrinhos do papel com duas ou tres côres, alternando regularmente uma côr depois da outra e produzindo assim ou superficies inteiras ou apenas molduras. No ultimo caso, as crianças poderão fazer dentro da moldura varios desenhos (flôres, animais, paisagens, etc.).

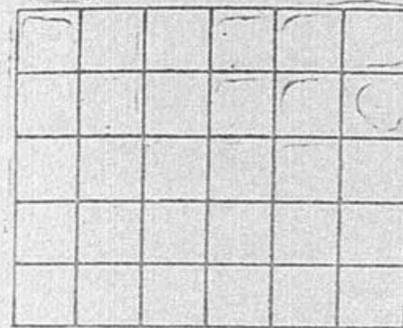
Na falta de lapis de côr, poderão utilizar apenas o preto, traçando nos quadrados riscos paralelos, ora horizontais, ora verticais. Poderão ainda, em vez de colorir ou riscar, fazer determinadas figuras dentro dos quadrinhos, alterando sempre ou fôrma, ou tamanho, ou posição.

g) *Exercício de labirinto* — As crianças recebem uma folha de papel mimeografado, com uma série de linhas em-

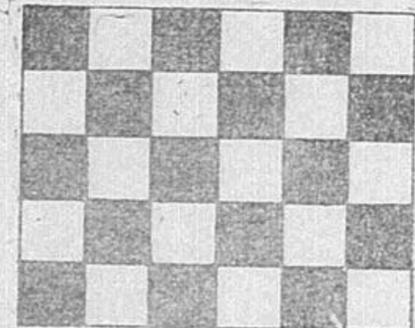


brulhadas. A extremidade de cada uma das linhas é numerada e se acha do lado esquerdo do desenho. O exercício consiste em seguir o trajeto de cada uma das linhas, começando na sua extremidade esquerda e chegar à sua outra extremidade que se acha do lado direito, sem numero. Aí

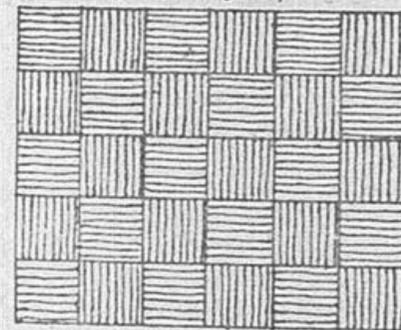
prancha



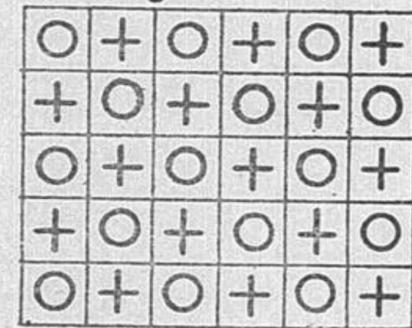
alternação de côr



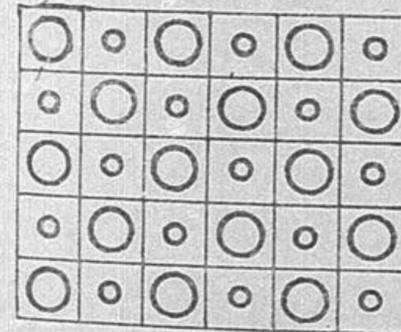
posição



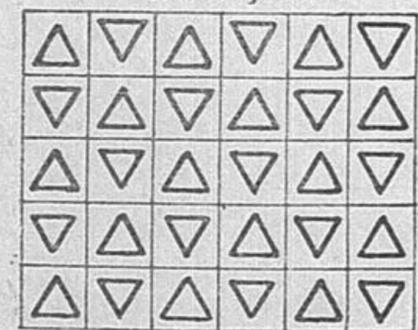
forma



tamanho



posição



chegando, a criança deve escrever o numero da linha marcada no inicio do trajeto (*vêr o desenho*).

Como para todos os exercicios de ortopedia mental, começar por exercicios muito simples e complicá-los gradualmente. Um exemplo mostrado no quadro negro ajudará as crianças a fazer o exercicio sobre as folhas individuais.

h) *Calculo mental continuo* — Tomamos ao psiquiatra almeida Kraepelin, o exercicio que lhe serviu para o estudo do trabalho mental e da fadiga e para a análise das curvas e dos compostos do trabalho mental.

As crianças recebem folhas impressas, com colunas verticais de numeros de um algarismo. A um sinal dado, as crianças começam a fazer a adição dos algarismos subjacentes, cada um por sua vez: o primeiro com o segundo, o terceiro com o quarto, o quinto com o sexto, etc., inscrevendo a soma á direita do segundo numero da adição.

O exercicio pôde ser feito durante um quarto de hora de trabalho continuo. Todos os tres minutos, o mestre dará o sinal, e as crianças marcarão com o lapis os algarismos que elas se dispunham a adicionar no momento em que sôu o sinal.

Assim, marcando o trabalho de tres em tres minutos, poder-se-á, contando o numero das operações feitas em cada um desses intervalos, como também os erros cometidos durante essas frações de tempo, seguir a marcha do trabalho mental ou, si se quer, as flutuações da atenção.

Este exercicio é um excelente estimulador da atenção; e as crianças das classes ordinarias, a partir do 2.º ano escolar, o fazem com interesse e desembaraço.

Exercicios da atenção distribuida — Estes exercicios, que Pestalozzi reclamava com insistencia para todas as crianças, são muito recomendaveis para os retardados. Trata-se de lhes dar mais de uma tarefa de cada vez, e que elas deverão executar simultaneamente.

Na ginástica, e sobretudo a ginástica ritimica, encontramos uma porção de sugestões. Começando pelas mais simples, poderemos pedir ás crianças que marchem a passo, uma atrás da outra, e que batam o compasso de dois, tres ou quatro tempos, com os dois braços.

A marcha seria uma ação automatica, e a atenção se empregaria no movimento e nos ritmos dos braços a que os pés seguirão maquinalmente. O exercicio mais difficil consistirá em dissociar o movimento dos dois braços: permane-

cendo no mesmo lugar ou continuando a marchar, por exemplo, o braço direito executará um movimento dado, e o braço esquerdo, outro; o direito se levantará e se abaixará, ao passo que o esquerdo fará um movimento de 3 tempos: levantar-se, afastar-se ao nivel do ombro, depois abaixar-se, repetindo esta serie de movimentos durante certo tempo.

Estes exercicios se complicam ainda mais se os movimentos de dois ou três medidas, feitos com os dois braços, vão ser executados ao mesmo tempo. Conhece-se a dificuldade que apresentam certos noturnos de Chopin, exatamente pela diversidade de compasso das duas mãos.

O caderno de lições

PORQUE PREPARA'-LO -

O preparo do caderno de lições é entre os deveres do professor um dos que mais se ericam de dificuldades.

A experiencia mostra, a todo momento, no serviço de assistencia, a necessidade de instruções desenvolvidas para a satisfação desse dever, pois o manancial onde se deveriam haurir os conhecimentos indispensaveis ao seu cumprimento, é escasso e raro.

Além disso, outras razões concorrem para diminuir a importancia do preparo das lições. Julga grande numero de professores ser trabalho afanoso, inutil, sem repercussão favoravel no desenvolvimento das atividades escolares.

Este julgamento, por si só, trái uma deficiencia de cultura, que urge ser combatida, para reforço da personalidade do educador.

E é quasi certo, vale dizer, que os proprios recursos, que se empregam no verdadeiro preparo das lições, são suficientes para combater esta deficiencia de cultura.

Pois é sabido que os recursos usados nos bons preparos de lições são justamente aqueles que nos conduzem á procura de meios seguros para realizarmos o nosso intento do modo mais perfeito possivel.

E estes meios se traduzem em uma simples palavra: o estudo.

Só pelo estudo perseverante, escolhido e meditado podemos conseguir um preparo de lições, que em rigor mereça este nome.

E assim, teremos combatido o mal com o proprio mal. O erro na prática dessa medida está em que o professor, talvez levado pela lei muito humana do menor esforço, sempre se cinge apenas á letra do Regulamento, não vendo através déla o seu espirito.

Nenhuma razão mais poderosa, a meu vêr, moveu o pensamento do preceptor, ao determinar esse dever, do que a intenção de ligar a condição imprescindível de estudo a uma obrigação concrêta e quotidiana. Se essa idéa, que é o espirito do que estatúe o Regulamento, torna-se prejudicada pela simples obediencia á letra, prejudicado ficará o resto, pois "a letra mata e o espirito vivifica".

Concordamos em que uma lição preparada com exclusiva obediencia á letra e com desprezo do espirito que ha além déla, nenhuma vantagem apresentará.

E é exatamente seguindo semelhante processo, o que concorre para tornar controvertível o assunto, parecendo a uns de nulo efeito o trabalho executado.

Agora, porém, atendendo-se ao que estabelece o espirito do dispositivo que o determina, avultarão, sem contradita cabível, inumeras considerações, cada qual mais solícita em afirmar o acerto da medida.

Em verdade, muito custará a quem quer que fôr demonstrar a desvantagem do preparo prévio de qualquer áto que se vai pôr em execução.

Diante da classe, o professor, por maior dose de experiencia que possua e por melhor descortínio que tenha de seu officio, muito mais vantajosamente se haverá em as suas funções, se antes coordenar idéas esparsas e concatenar experiencias acumuladas, para lhe nortear a atitude dentro da ação.

Mesmo porque nem sempre é possível ao individuo agir de acôrdo com a sua vontade e tampouco atuar de conformidade com as exigencias da ação.

Cousas fóra do nosso controle podem sobrevir, atingindo a nossa vontade e anulando-lhe o impulso, assim como a ação está sujeita a apresentar-se com aspétos variaveis e imprevisiveis.

Defrontando situações tão embaraçosas, tais como estas do emperramento da vontade ou da modificação da ação, em que termos colocaríamos a nossa atitude sem o socorro de um apoio sólido ?

Prevalece para alguns o pensamento de que as lições devem ser preparadas, mas êles preferem prepará-las unicamente pela meditação, e não por escrito. Os que assim pensam, cáem no grave erro de dar demasiada importancia á memoria, pois dão a entender que a meditação não só funciona como preparadora da lição e mais ainda como fixadora da mesma.

Podemos admitir que os individuos que habitualmente meditam sobre o que fazem, são capazes de preparar uma lição e conservar de memoria, por algum tempo, a fórmula de seu preparo. Mas o que nos custa admitir é que este preparo pela meditação, e assim fixado de memoria, seja tão perfeito como se fosse por escrito.

Considero parte fundamental em um caderno de preparo de lições as observações que êle contém. Acho mesmo que só por isso está justificado.

Não nos seria possível coligir todas as observações suscitadas pelas ações em que intervimos, senão por escrito.

A meditação é fator indispensavel em todo trabalho mental, mas também julgo indispensavel guardar por escrito o resultado de nossas meditações.

Nesse ponto de vista, conservo lembranças pouco animadoras com relação ao que tenho presenciado. Professores com quinze, vinte e trinta anos de magisterio estão a pique de chegar ao extremo da carreira, sem conservarem meia duzia de observações que lhes dêem base segura para adoção de um processo proprio de ensino, ou pelo menos para orientá-los dentro da metodologia de uma ou outra disciplina do programa escolar. E' comum perguntarmos a um professor qual o método ou processo, meio ou sistema que adota no ensino desta ou daquela materia, e recebermos como resposta a confissão de que ainda se mantém nas mesmas formas primitivas, sem lhes aduzir nada de novo, que dê testemunho de seu progresso.

Constitue fáto doloroso para uma vida inteiramente devotada a uma profissão, conserva-se estabilizada na rigidez de normas de inicio, quando tudo está a indicar, sobretudo no mistér de educador, a inelutavel necessidade de aperfeiçoamento contínuo, desde que não podemos conceber absoluta identidade de situações no exercicio de uma função que apresente os aspétos mais variaveis, obrigando, portanto, a atitudes diferentes, que se enquadram nas situações modificadas.

A quem assim procede, pode-se-lhe negar o título de educador, porque, se não se modificou, a si mesmo, não se educou.

Impossível, contudo, aspirar ao aperfeiçoamento, se não conservamos as observações, para experimentá-las no curso da nossa existência, e valer-nos unicamente das observações que os outros já fizeram, esquecendo-nos dos aspetos variáveis em situações da mesma natureza.

Ora, se a mesma situação é passível de apresentarse com aspetos diferentes, a todo mundo ocorre a possibilidade de observações diferentes, sem mesmo aludirmos às modificações impostas pelos caracteres próprios de cada personalidade que atua na situação.

Sendo assim, fica exaltado o valor que tem para nós o preparo da atitude que devemos ter diante da ação e, mais ainda, a segurança que nos dão as observações próprias, colhidas no desenvolvimento da ação, para a firmeza da nossa conduta e definição da nossa personalidade.

Por todos esses motivos, verifica-se o impulso educativo que recebem aquêles que se entregam ao exercício poderoso do preparo conciente das lições.

Não fica, porém, nisso a prática quotidiana de semelhante trabalho. Vamos enumerar as vantagens decorrentes d'ela.

1.^a — O preparo do caderno de lições constitue defesa contra os eclipses da memória e dá demonstração da cultura do professor — cultura que é atributo exponencial de sua personalidade.

2.^a — Evita o desperdício de energia e de tempo, afastando o inconveniente de digressões inúteis e estranhas ao assunto da aula.

3.^a — É ótimo exercício para coordenação do pensamento e distribuição lógica das idéas.

4.^a — Age como anteparo ás emoções perturbadoras que sofremos, vindas de fóra ou ocorridas no decurso dos trabalhos escolares.

5.^a — Dá direção e firmeza ao pensamento e, mais ainda, dá hábitos de pensar. "Pensar é encadear as sugestões particulares que os fatos particulares suscitam". (Dentro da

ação nós devemos agir, e não pensar como agir. O ato de pensar impõe-se como anterior ao ato de agir).

6.^a — Contribue para educar a pessoa pelo hábito do trabalho, da observação, do estudo e da meditação.

7.^a — Dá medida e precisão aos atos da inteligência, pela ponderação necessária exigida, para transformá-los em atos de conduta.

8.^a — Concorre com fatos e informações que nos ampliam o campo da experiência, fazendo-nos crescer (no sentido educativo) e dando novos rumos á nossa conduta.

9.^a — Assegura-nos, sem sobrecarregar a memória, o acerto e o desacerto de nossos passos, oferecendo-nos a oportunidade de insistir ou desistir d'elles.

10.^a — Estimula o espirito, pelos resultados que de sua prática decorrem, a prosseguir com mais confiança no seu aperfeiçoamento, fugindo assim ao perigo da rotina, que revela incapacidade para pensar.

11.^a — Aprimora a linguagem escrita, pelo exercício de escrever diariamente.

12.^a — Constitue, no decurso dos anos, acervo precioso de conhecimentos que o equiparam a verdadeiro manual de pedagogia, com a vantagem sem par de ser êle fruto de esforço próprio e de experiência pessoal.

Como prepará-lo

Depois de *o porque* preparar o caderno de lições, estendo-me em outras considerações sobre *o como* prepará-lo.

Preliminarmente devo dizer que não vou dar uma técnica invariável da maneira pela qual convém ser feito o preparo das lições. Sendo obra genuinamente pessoal, conclue-se logo não ser possível padronizá-lo em modelos inflexíveis, que parece sugerir a palavra *técnica*. O cunho próprio de cada um ou as qualidades específicas de cada inteligência lhe darão feitiço consequente.

Pretendo oferecer sugestões apenas, que poderão ser aceitas, modificadas ou substituídas, á vontade do executante.

Indispensável parece, de início, recomendar-se o desvelo e carinho que merece um instrumento valioso de trabalho e experiência como é o caderno de lições.

Suas paginas devem ser numeradas, porque, não sendo esgotado o assunto preparado na aula do dia, é bastante, no preparo subsequente, fazer ligelra alusão de que continúa a lição da pagina tal. . . , sem o trabalho de repeti-la ou de dar informações mais amplas.

Cada preparo deve trazer a data do dia correspondente e o numero de ordem.

Para o fim de se colocar a observação, que é, conforme ficou assinalado, ponto de inegavel relevancia, poderemos seguir um destes dois recursos: ou deixamos uma margem em cada pagina, para escrevê-la á medida que fôr sugerida, ou a relatamos no fim de cada preparo diario.

O primeiro recurso facilita aproximar mais a observação do ponto ou fato que a sugeriu; em compensação, porém o segundo recurso favorece a economia do papel, porque, não ocorrendo alguma observação, a margem destinada a esse fim ficará em branco.

Embora, diga-se de passagem, é fato pouco constante, se levamos em consideração a riqueza de aspétos da escola nova, que nos oferece a todo instante a quota apreciavel de sugestões variadas e interessantes.

As observações devem ser lançadas no caderno logo que ocorrerem, evitando-se, dest'arte, o sistema pouco recomendavel de entregá-las á memoria, para mais tarde as redigir. Caso a premencia do trabalho exija o sacrificio dessa pratica, mistér se torna que o professor lance mão de uma nota ligeira, mesmo em papel avulso, para, após o impedimento, avivar a memoria.

Cabe aqui o conceito de Albalat: "se fossemos confiar na memoria, não haveria ciencia".

A' primeira vista parece não haver tantos motivos para tantas observações. Dirão mesmo acontecer uma professora atravessar uma semana, um mês de aulas, sem que lhes apareça uma só oportunidade para observar.

Não estranho semelhante julgamento.

Eu mesmo já encontrei uma ou outra que, durante periodo de tempo cem vezes maior do que esta, ainda não se lhe deparou qualquer ocasião propicia á observação . . .

Mas isso é antes falta de habito do que de capacidade. E' quasi impossivel que observações não tenham sido feitas em tão longo prazo.

O que é mais provavel é que elas se perdessem, por não julgadas objéto de melhor tratamento.

Porque custa crêr que um professor, durante tão prolongado espaço de tempo, não conseguisse vêr, sentir ou verificar fatos simples como estes: — Uns alunos se comportam bem, outros se comportam mal; uns aprendem com facilidade, outros com dificuldade; a maioria das crianças não possui habitos de higiene; a classe do ano anterior aprendeu a lêr com mais rapidez que a deste ano; os alunos preferem a hora de história á lição de geografia; os limites de Minas foram aprendidos com grande dificuldade; um problema que não tinha sido resolvido antes, o foi depois pela simples mudança do seu enunciado; Pedro contou hoje a seguinte anedota, muito engraçada: . . . ; João se irritou, por ter sido corrido pelo colega; Maria teve, ao regressar á casa, uma atitude digna de elogio: . . . ; não pude esgotar o programma de geografia do 4.º ano; considero difficil para a leitura do 2.º ano o livro do autor tal; todos os alunos que foram matriculados na minha classe do 1.º ano, sabiam contar até 50; quando dou liberdade aos alunos para a escolha da lição de leitura, eles sempre preferem as das paginas 25 e 68, etc.; — e que constituem valiosas observações para, as mais das vezes, descobrir-lhe o filão rico de ensinamento que lhe proporcionarão a chave para solução dos muitos problemas dificeis, que a escola apresenta nas suas atividades.

O que é necessario é que se considere, pare e medite devidamente sobre as observações colhidas e tire delas conclusões justificaveis.

Nem de outro modo se procede no preparo da lição.

Um professor prepara a lição de leitura para a classe do 1.º ano. E' uma simples frase com três ou quatro palavras: "A escola é bôa".

Em aula, chama a classe á lição. Os alunos todos aprenderam a lição em dez minutos. Na parte do caderno destinada a observações, deverá constar a facilidade e rapidez com que aprenderam esta frase e tambem a necessidade de maior numero de frases, para pelo menos ser esgotado o tempo determinado no horario escolar.

Agora, porém, se em vez da facilidade encotrada, outra fosse a feição do caso, isto é, poucos alunos aprenderam bem a lição; outros aprenderam-na mal, e alguns nada aprenderam; naturalmente o professor lançara mão de recursos preconizados pela pedagogia, afim de alcançar resultados mais satisfatorios.

E' claro que seria impossivel prever com segurança, no

preparo da lição, tudo o que ia acontecer no momento em que esta devia ser ensinada.

Pois bem, todos os recursos, que usou, (outra frase mais facil; mudança de uma ou outra palavra; um artifício ocasional qualquer, e etc.), devem figurar como observações no lugar indicado, e, mais ainda, o numero dos alunos que melhor aprenderam, dos que aprenderam pouco e dos que nada aprenderam; assim como todos os fatos interessantes relativos á lição e que possam concorrer para a ampliação da experiencia.

Algumas vezes acontece tambem que, no momento do preparo da lição, por força do ato de pensar que esse trabalho implica, as observações vão aparecendo, e neste caso elas devem ser reunidas ás que forem sugeridas depois.

Passemos a considerar, agora, o processo que melhor convém á lição preparada.

Uns se limitam a lançar no caderno o titulo e subtítulo das lições, extraídas do Programa; outros adotam o sistema de copiar no caderno o texto do assunto, como se encontrava no compendio em que o estudaram.

E' obvio que nenhum dos dois processos póde de maneira alguma ser considerado um preparo de lição. O primeiro péca pela carencia; o segundo, pelo excesso. E ambos são negativos como trabalho mental.

Nenhuma importancia, é certo, tem a fórmula que apresenta a lição preparada. Em fórmula de sinopse, diagrama, sumário ou resumo mais ou menos extenso, o que importa é o seu conteúdo.

E' idéa geralmente aceita que nem todas as disciplinas se prestam ao preparo prévio para a execução em aula. Assim acontece com a leitura.

Na quasi totalidade dos cadernos, que tenho visto, o seu preparo se resume na referencia á pagina do livro e ao titulo da lição.

Nada, no entanto, mais falso.

O simples aspéto material de uma pagina de leitura sugere, muitas vezes, uma ou mais observações.

Que diremos, agora, do assunto, das palavras desconhecidas para o professor e das que o são para os alunos, das imagens e comparações ininteligiveis para estes, do interesse ou desinteresse que possa a leitura despertar?

O registro de tudo isto já não é por si mesmo o preparo de uma lição?

Positivamente que sim.

O que se dá com a leitura acontece quasi sempre com a escrita, sobretudo na cópia e no ditado: a méra indicação do trecho a copiar ou ditar constitue o preparo, sem a menor referencia ao motivo da preferencia.

E considero indispensavel que sejam mencionadas no preparo de uma lição de leitura todas as palavras de significado desconhecido, todas as imagens e comparações de difficil entendimento para as crianças, todas as suas virtudes e defeitos. E mais ainda: os vocábulo desconhecidos, principalmente os que o forem para o professor, deverão estar acompanhados da sua significação, e, na parte correspondente ás observações, a lista do vocabulario estranho aos alunos e que só em aula o professor poude verificar.

Com o mesmo criterio procedem em relação á escrita. E' fóra de duvida, que um trecho escolhido sem mais exame, ás pressas, em aula, póde oferecer grandes dificuldades para a cópia e para o ditado, mórmente no principio do aprendizado, ao passo que, procurado cuidadosamente na ocasião do preparo, será facil á professora afastar embaraços e dificuldades na escolha que fizer. E caso não encontre no livro o trecho que satisfaça a sua exigencia, pouco lhe custa traçar no seu caderno cinco ou seis linhas para a cópia ou ditado do dia seguinte.

Relativamente á aritmética o preparo não se ressent, da mesma fórmula, de menores defeitos. As mais das vezes, êle se reduz ao simples enunciado da natureza das operações e dos problemas.

Seria incomparavelmente melhor que as operações e problemas aí figurassem enunciados nos seus proprios termos, e já resolvidos, para, desse modo, deixar manifesta a graduação seguida no ensino da materia e, ao mesmo tempo, facilitar a correção em classe.

Além disso, é de toda conveniencia ficar assinalado o material que se usou para concretizar o assunto da lição, e a sua vantagem e proveniencia.

Creio serem suficientes as indicações especiais concernentes ao preparo das lições de leitura, escrita e aritmética, para se avaliar a maneira de agir no preparo das demais disciplinas.

Dou, apenas como sugestões, alguns exemplos de aulas preparadas.

13 — 3 — 933

HIGIENE

1.º ANO

Asseio da boca — Preparo n. 1.

Necessidade do asseio continuo. — Objetos e materiais usados na sua limpeza — escovas e dentifricios. — sua qualidade e conservação. — Evitar as escovas muito asperas ou muito macias. — Aconselhar o uso de sabonetes como dentifricio, pela vantagem do preço e dos resultados. — O manejo da escova no ato da escovagem: movimentá-la em todos os sentidos e direções. — O numero de vezes durante o dia em que se deve praticá-lo. — Vantagens da observancia desse habito; prejuizos decorrentes do seu descaso. — Recomendar a necessidade de bochechar com agua após a ingestão de leite, doces e frutos acidos.

14 — 3 — 933

GEOGRAFIA

2.º ANO

*Vias de comunicação**Preparo n. 2*

Terrestres	{	Estr. de rodagem	{	Pedestres, cavaleiros, eiculos.
		Estradas de ferro		Locomotivas.
Maritimas	{	Navios, barcos, botes, hiates, lanchas e etc.	{	
		Navios de pequeno calado, botes, barcos, canôas e etc.		
Aereas	{	Balões, aeroplanos, hidroplanos, dirigiveis e etc.		

OBSERVAÇÕES

Apresentei aos alunos os tipos de escova prejudiciais e as preferidas. Do mesmo modo, procedi — com relação aos sabonetes.

— Os alunos examinaram o material apresentado e alguns escovaram os dentes, ilustrando os ensinamento da lição.

— Pedi aos alunos que me trouxessem, durante a semana, as escovas e o sabonete-dentifricio, para verificação.

OBSERVAÇÕES

Esta lição vai ser desenvolvida em classe de modo intuitivo-ativo, encarregando-se os alunos de fazer desenhos ou adquirir gravuras para a concretização do assunto. Gravuras ou desenhos que representem todas as modalidades de meios de transporte conhecidos, e também fechadas com o distico

Meios de comunicação subsidiarias:

CORREIO — Cartas, impressos, pequenos volumes e valores.

TELEFONE — Transmissão da palavra falada.

TELEGRAFO com fio e sem fio — Transmissão da palavra escrita.

RADIO — Transmissão de sons em geral.

15 — 3 — 933

HISTORIA DO BRASIL

3.º ANO

Felipe dos Santos — Preparo n. 3

Ligeira apreciação do cenario e localização do fato historico. Rapida recapitulação das reações contra o regimen colonial. Epoca do fato (1720). Localidade em que ele se deu (Vila-Rica). A sua causa (casas de fundição). Principais figuras que nela atuaram (F. dos Santos e Paschoal da Silva). Acentuar a extensão da Fazenda Real, a iniquidade da lei e a falta de carater do Governador da Capitania: Conde de Assumar. Qualidades de Felipe dos Santos e seu martirio. Indicar as obras em que se acha narrado o fato.

OBSERVAÇÕES

Convem não esquecer que o primeiro passo nesta lição consiste em pôr diante dos alunos a fisionomia da época em que o fato se verificou, estabelecendo comparações com a época atual. Os fatos historicos só são bem compreendidos, quando desenrolados em ambientes conhecidos. O cenario é tão necessario á ação como o ator. Tanto mais fiel é a sua composição, tanto mais compreensivel é a ação que nele se desenvolve.

de «Correio», «telefone», «telegrafo» e «radio».

O quadro deve ter dimensão suficiente para comportar ao lado de cada via de comunicação as ilustrações dos meios de transporte referentes a ela.

17 — 3 — 933

GEOGRAFIA

Holanda ou Países Baixos

Estudo comparativo com a Geografia local, mostrando o que ha de igual e de diferente no aspéto físico das duas regiões geograficas. Nessa comparação ficam incluídos: a população — 6.000.000 de habitantes; a superficie — 33.000 quilometros; o clima — frio, úmido, em alguns logares pouco saudavel; a produção — pobre em minerais, turfa, cereais, batatas, linho, flores e frutas, boas pastagens com grande criação de cavalos, bois e carneiros; pesca muito arenque e faz muita manteiga e queijo; o comercio — bem desenvolvido, importa muitos artigos e exporta objetos manufacturados, laticínios, carnes e peixes salgados; a industria — muito adiantada; tecidos de linho e lã, couros, papel e construção de navios; a religião — calvinismo e catolicismo; o Governo — monarquia constitucional; a instrução — muito desenvolvida.

4.º ANO

Preparo N. 4.

OBSERVAÇÕES

Os alunos devem esboçar o mapa em cartolina, acompanhados de todos os dados réferidos na lição, dando ligeira noticia do que ha de mais interessante no aspéto físico da região, e rapidas notas sobre a relação da nossa historia com esse pais e sobre a superioridade desse povo, que defendeu o sólo contra a invasão do mar.

As quatro aulas apresentadas — estou plenamente convencido — não representam perfeição no genero; apenas completam, como exemplos, as idéas que venho desenvolvendo neste trabalho.

Julgo, no entanto, que elas se revestem principalmente do aspéto de *trabalhadoras*.

Não o négo. Dão algum trabalho.

Mas resta a satisfação de que o trabalho deixou resultado altamente compensador.

E não encontro outro caminho senão este do professor compulsar os manuais de estudo, reunir os conhecimentos extraídos deles aos seus proprios conhecimentos, pôr em jogo toda a experiencia que tem e, em seguida — lembrando-se da capacidade mental de seus alunos — compôr um plano de ação, (que nada mais é do que o preparo da lição) para conseguir melhor combinar o conhecimento que a lição encerra com o conhecimento que o aluno possúe.

Poderia sugerir, com o fim de facilitar a tarefa, que o preparo de lições fosse feito em colaboração entre os professores dos Grupos Escolares. Um grupo de professores que rege classes do 2.º ano A., reunir-se-ia em classe ou fóra d'ela e se entregaria ao trabalho de verificar qual o melhor meio de se preparar esta ou aquéla lição.

Temo, todavia, que os mais esforçados subtráiam aos menos esforçados a oportunidade de trabalho tão util e necessario.

CARACTERISTICOS DE UMA BOA PREPARAÇÃO DE LIÇÕES

A clareza e correção do seu enunciado.

Os processos que usou para a sua concretização.

O cuidado de só se referir o que seja acessível á intelligencia do aluno, evitando referencias a cousas ou fatos por demais banais ou excessivamente dificeis para êle, embora sejam encontrados nos compendios.

O esforço documentado para adaptar a lição ao gosto, sabor ou interesse do aluno.

O recurso adotado para ligar o assunto da lição á atividade congénita da criança.

JAIR GUILMARÆS DE PAULA

Assistente técnico do ensino

O ensino na Iugoslavia

Alguns dados sôbre o desenvolvimento das escolas em Zagreb

(Tradução e adaptação tirada da Revista slava "DOM ISKOLA", especialmente para a "Revista do Ensino")

por MARIA ARACY LESSA

(Diretora do Grupo "Santos Dumont", de Venda-Nova)

Do professor Slatko Sulentic, lente de desenho nas principais escolas de Zagreb, 1.º prêmio de pintura no "salão" de Paris e nome fulgurante na arte em seu país, recebi, há pouco, o seguinte:

"Envio-lhe os dados, que me pediu, sôbre a instrução primária em Iugoslavia, tão pouco espalhados, infelizmente, em jornais e revistas, porque difícil seria enviar-lhe a história completa de nosso ensino, encerrada em 7 alentados volumes.

Chamo a sua atenção especial para a nossa revista de ensino "DOM i SKOLA" (Casa e Escola) onde poderá apreciar as fotografias das escolas de Zagreb, desde 1235.

Estes dados eu os obtive do sr. Josef Buterac, atual Inspetor Geral da Instrução, e do Assistente Técnico Ivan Tomasica.

O Inspetor Geral, muito satisfeito com o seu pedido, manda dizer-lhe que terá o maior prazer em vêr publicado, em revistas desse seu grandioso e surpreendente país, um trabalho de sua pena, sôbre as escolas croatas. Manifesta êle o desejo de estabelecer — para o que pede o seu inestimável concurso — um intercâmbio, em matéria pedagógica, entre nós e a sua terra, especialmente o seu Estado de Minas-Gerais, onde, pelo que nos manda dizer, a instrução, graças á orientação sábia dos seus dirigentes, ganha amplitude, com a adoção de métodos e processos pedagógicos, experimentados e vitoriosos em outros países, mas cuidadosamente adaptados, com muita inteligência, ao meio brasileiro. Por isso, o sr. Inspetor quer receber revistas de

ensino do Brasil e, sobretudo, de Minas, prometendo, com grande contentamento, enviar para aí as nossas".

DESENVOLVIMENTO DAS ESCOLAS DE ZAGREB

Da revista acima referida, traduzo, valendo-me do estudo do professor Franluza Bozic, algumas informações mais interessantes sôbre o ensino em Zagreb, que é altamente desenvolvido, conforme, pessoalmente, tive oportunidade de apreciar, quando, há poucos anos, visitei a Iugoslavia.

Já em 1200 e tantos, os habitantes de Zagreb, de inteligência clara e indagadora, sentiam grande necessidade da instrução.

Coube aos padres a fundação das primeiras escolas, onde as crianças recebiam os rudimentos do ensino.

E eram os padres, naturalmente, os primeiros professores que, no fim de alguns anos, transferiam essa missão aos seminaristas e organistas.

Nas crônicas do século XII há minucioso estudo sôbre essas escolas embrionárias. Existiam, em tal época remota, duas jurisdições: eclesiástica e civil — cada uma delas possuindo bens e territórios próprios.

Quando as relações entre ambas eram de amizade, as crianças da cidade frequentavam as escolas, sem embaraço. Não raro, entretanto, se quebravam os laços de harmonia entre as várias classe, e as crianças sofriam a consequência dessa situação, privando-se da instrução.

Por esse motivo, a Camara Municipal de Zagreb, em 1362, fundava a sua primeira escola, com o seu primeiro professor leigo, que foi até um tabelião.

Devido ás frequentes invasões dos mongóis e turcos, é muito natural que sofresse a instrução, cujo desenvolvimento foi, por aqueles motivos, seriamente entravado.

A inspecção escolar era feita pelos sacerdotes e também era de padres o maior numero de professores.

No ano de 1787 frequentavam as 4 classes escolares

34 filhos de nobres, 93 burgueses e 24 camponeses. Tinha Zagreb, então, apenas 1.483 habitantes.

Estas escolas tinham por norma, especialmente, ensinar às crianças, mais do que qualquer outra disciplina, os idiomas estrangeiros — o latim e o alemão, principalmente.

Mas a verdadeira escola croata, que pôde ser considerada a mãe de todas as demais escolas da Iugoslavia, com os seus 14 milhões de habitantes, foi fundada em 1830.

Em 1851 foram as escolas de Zagreb reunidas em um só prédio — primeiro grupo escolar — num edificio construido no século XVI. Nesse mesmo ano, fundava-se um curso para professores — era o rudimento da Escola Normal.

Em 1878, a Camara, reconhecendo a insuficiência higiênica dos prédios escolares, mandou construir o primeiro edificio moderno, com quatro classes, só para o sexo masculino. As meninas permaneciam educadas nos mosteiros, sob os cuidados das religiosas.

Sómente em 1890 foi construido o segundo prédio escolar, que então era tido como paradigma de escola moderna. Daí para diante o desenvolvimento das escolas foi relativamente rápido: de 1878 a 1913, a Câmara Municipal criava 10 grupos escolares.

“Inter arma musae silent”

A guerra mundial sincopou o surto ascensional da instrução em Zagreb. No doloroso período histórico em que os homens se matavam, nenhuma escola foi ali criada. Ao contrário, muitas eram requisitadas pelas autoridades militares e iam servir de hospitais de sangue ou de caserna.

Terminada a guerra, continuou novamente o trabalho interrompido em 1914. Foram centralizadas as escolas sob a jurisdição do Ministério da Instrução Pública, tomando o Estado o cuidado de mantê-las.

Daí por diante não parava o desenvolvimento educacional de Zagreb, que hoje padroniza magnificamente, na Iugoslavia, o tipo do ensino moderno, na sua melhor expressão.

Os grupos escolares edificados em 1926 até hoje são edificios modernos, onde se reune, aos requisitos pedagogicos, destacado bom gosto arquitetônico.

Zagreb tem hoje cerca de 100 mil habitantes, possuindo 35 grupos escolares, onde se encarregam do ensino 650 professores.

Nota — Desejava ilustrar esses dados sobre o ensino em Zagreb com algumas fotografias dos seus prédios escolares. Não me é, entretanto, possível fazer o que desejo, porque não disponho de fotografias desses magníficos estabelecimentos de construção bela e confortavel, mas apenas as tenho, em “clichés”, nas paginas da “DOM i SKOLA.” E esses “clichés” não se prestam, infelizmente, para a reprodução de outros “clichés”, com a nitidez que desejaríamos, segundo informam os nossos técnicos em fotogravura.

O problema da inspecção

(Uma sugestão)

Por *DIVA DE CARVALHO FARIA*

Dezembro de 1932.

A reforma do ensino em nosso Estado, idealizada e levada a efeito no governo do ilustre dr. Antonio Carlos, com a proficiente colaboração do dr. Francisco Campos — aquê- le inédito movimento educacional, a que os Poderes atuais se empenham em dar continuidade, já se impôs á gratidão das gerações contemporaneas, como se imporá ás futuras, visto que, para elas, os frutos de suas colheitas serão mais fartos e remuneradores.

Integrada no Corpo de Ensino, no desempenho de minhas atribuições, tenho me familiarizado, mais estreitamente, com o espirito daquela reforma e, procurando coligir dados e observações, para o suprimento das lacunas que a prática me vem demonstrando, lanço-me á aventura de sugerir medidas, que, aprovadas ou não, aceitarei com igualdade de

As concessões deste artigo foram feitas pela propria autora - Profa. Diva C. Faria
B465-3-53. 7000

animo, tal meu interesse de bem servir, de colaborar, afastando-me da passividade do dever cumprido.

Antes de mais nada, passarei a historiar os pontos a que se prenderá a minha despretenciosa sugestão:

O ensino primario — Tão surpreendente é a sua contribuição para a civilização de um povo, que ampará-lo, dotá-lo, ampliá-lo e aperfeiçoá-lo, importa na maior obra em prol do levantamento de uma sociedade em formação, como é a nossa. Assim sendo, o exército em mobilização para a defesa de suas prerrogativas, conquistando os campos e preparando-os para o lançamento da semente que frutificará amanhã deve abrigar-se sob a bandeira do idealismo, animando-se na certeza de que faz e constrói os alicerces, onde as gerações futuras levantarão os marcos da sua independência e da sua evolução, e que, no conhecimento de si mesmas, se nivelarão aos povos que se encontrarem na vanguarda. “Na educação dos brasileiros — diz o dr. Antonio Carlos — terão de repousar as garantias de continuidade e de incremento no sucesso dessa construção, em que estamos pondo á prova, com as nossas aptidões creadoras, os nossos dons de fundadores, dependendo a qualidade da obra, a sua duração e o seu estilo, da qualidade do nosso sistema educacional, porque sómente a educação fórma a consciencia e sómente a consciencia faz e afirma o ser”.

Ciente dos seus beneficios, os Poderes do nosso Estado se esmeram na sua disseminação inteligente e no seu aperfeiçoamento, quer adotando meios para o levantamento cultural dos seus professores, como provam os objetivos da Escola de Aperfeiçoamento, quer creando novos grupos e novas escolas, quer melhorando as existentes, dotando umas e outras com instalações e material aconselhados pela hygiene e pedagogia modernas. O seu aparelhamento de administração e controle tem merecido especial atenção, sendo creada uma Secretaria especializada, com uma sequencia de corpos que, no desempenho de suas atribuições, dadas as afinidades existentes entre si, para ser mais segura a sua evolução e prática, torna-se necessaria uma real e estreita colaboração dos seus respectivos membros.

A assistencia técnica — “A realidade do ensino primario — diz o dr. Francisco Campos — depende, em grande parte, do aparelhamento técnico preposto á sua assistencia e inspecção.” Como sabemos, não bastará assentar solidamente um sistema de inspecção e imprimir nitidamente as diretri-

zes, para que esse sistema, ainda que aparelhado dos meios economicos necessarios, possa realizar os fins a que se destinou. A chave de todas as questões está na heterogeneidade dos elementos responsaveis pela educação popular, que, muitas vezes entorpecidos pela inércia, anulam pela rotina as energias da infancia que lhes foi confiada. E'-nos impossivel a um só tempo transformar o professorado, pela sua preparação, em uma força propulsora para acelerarmos o ritmo das transformações pedagogicas. As nossas conquistas serão minimas, e o esforço, sempre grande... E' certo, que, dentre os diversos fatores que condicionam o insucesso da assistencia técnica, um dos mais graves e mais dificeis de remover é, sem duvida, a desassociação até então existente no trabalho que vimos realizando nos diversos setores de nosso Estado. Assim nos demonstrou seguramente o ensejo presente, que nos veio permitir o reajustamento da complicada engrenagem de nossos encargos — muito além das legitimas possibilidades de uma imediata e eficiente realização, pois as dificuldades e obstaculos, de toda ordem, tornam bastante penosa a execução de uma obra, já, por si mesma, audaciosa e ariscada, não só pela extensão da reforma, que atingiu de um golpe todo o sistema escolar, como pelas suas intenções francamente renovadoras. Por conseguinte, embora seja a assistencia técnica ministrada por um corpo selecionado e entusiasta dos modernos processos pedagogicos, os seus esforços, para a respectiva divulgação e prática dos mesmos, junto aos professores em geral, ressentem-se, grandemente, da falta de continuidade, provinda do desconhecimento dos elementos que constituem a classe, quer na parte pessoal, quer do trabalho de cada um, realizado nas suas circunscrições. Sendo assim, quando ocorre uma substituição ou mudança de circunscrição, o que se dá frequentemente, pelas exigencias do ensino, os sucessores e antecessores se desencontram, sem que seja oferecida a oportunidade de se conhecerem, assim como historiarem, reciprocamente, os trabalhos realizados, resultados, falhas e valor dos elementos com que terão de jogar. Tal não se dando, os assistentes não se poderão orientar da fórmula por que deverão guiar a sua nova atividade e melhor exigir o respeito ás praxes regulamentares. Aliás, acaba de ser sanada uma das faltas acima citada, entretanto, é mister ainda que assentemos uma fórmula de controle que venha favorecer á continuidade dos nossos trabalhos.

Devido áquela falta de colaboração e contacto dos elementos interessados, das zonas que deixaram e das que vão

1º Congresso
dos Químicos
Técnicos

ocupar, os assistentes ignoram quais as escolas naquêlê ano já visitadas, assim como as que mais necessitam da sua assistência, quer animando os elementos aproveitáveis, quer fiscalizando os desiduosos. Dir-se-á que essa lacuna fica, pelo menos em parte, suprida pelo "Termo" deixado na visita anterior. Entretanto, tal não se verifica, visto que êle não encerra sinão algumas das faltas constatadas, pois o espirito de "benevolencia e bondade", recomendado na prática da assistência, requer que uma parte — senão a maior — das lacunas verificadas, seja observada particular e pessoalmente a cada docente. Só temos ciencia do conteúdo do termo deixado pelo colega anterior no momento da visita feita, sem outro objetivo qual o de atender ás legítimas necessidades do ensino, porquanto nós as ignoramos completamente. Acontecendo, geralmente, que, em se tratando de elemento desidioso, sem que disso possa avaliar o assistente presente, êle alega, em defesa da desorganização provada pelos resultados dos trabalhos, falta de orientação ou indiferença do colega anterior, chegando a acusá-lo, ^{quasi sempre} injustamente, dizendo: — "O sr. X. não se mostrou interessado em conhecer as minucias desta escola, visto que a sua visita não durou mais do que o tempo necessario para tomar o café que lhe foi oferecido..."

Pelo exposto se percebe a confusão em que se deve encontrar o ouvinte, pela falta de elemento para a defesa do colega, assim como para melhor poder exigir ou mesmo aliviar aos superiores as fórmulas de disciplinar ou admoestar os reincidentes e desiduosos, por não poder seguramente distingui-los. Com a existencia de semelhante lacuna, os assistentes, ignorantes do trabalho de seus antecessores, especialmente o particular, efetuado na circunscrição então ocupada, não poderão dar continuidade aos trabalhos iniciados, bem como orientar a sua atividade, evitando consumir o seu tempo em cada ano letivo, como méros fiscais improdutos, na infundavel tarefa de semear, sem que possa conhecer os reais resultados do cumprimento de seus ensinamentos e instruções quanto á prática das modernas normas pedagógicas, aconselhadas pelas reformas, geralmente tão dispendiosas, ficando o professorado, *muito especialmente o rural*, que mais necessita de assistência, ao seu livre arbitrio, praticando ou não as disposições regulamentares.

Professorado rural e distrital — Dada a disseminação da população para fóra das sédes dos municípios, numa proporção que varia entre 60 e 90%, aquelas classes de docentes têm aos seus cuidados a maior parte da população

escolar do Estado, e, no entanto, a elas faltam muitos dos principais recursos: instalações, material e ambiente, razão por que devem merecer da assistência um especial carinho, animando e auxiliando os elementos dedicados, para melhor atingirem os seus fins, visto que, faltando áquêles docentes o ambiente comum ás cidades, e respondendo por maior soma de responsabilidades, devem ser coligidas maneiras e fórmulas que melhor possam auxiliar a sua evolução, para que os seus resultados mais rapidamente marquem o progresso com o maior aproveitamento das energias e capacidades das gerações contemporaneas, afim de que a escola, em continuidade com a vida que a rodeia, não seja senão o centro onde "a materia social se condensa e clarifica", realizando, assim, a sua dupla finalidade — alfabetizar e educar. Por conseguinte, para serem alcançados aquêles alevantados objetivos, tão da preocupação dos Poderes Públicos, é mistér que haja maior harmonia no trabalho da assistência — o que não poderá ser conseguido sem o natural controle, para o que passo a expôr a sugestão a que, no inicio do presente trabalho, me referi:

Uma fórmula de controle da assistência — Ser regulamentar, a cada assistente, a organização, embora sintética, da escrita de sua circunscrição, o que auxiliará não só a harmonia e continuidade dos respectivos trabalhos, como também a Secretaria da Educação, na pronta obtenção de dados seguros, que favorecerão:

Atualização da eficiência

A administração	a) O conhecimento e sindicância do desenvolvimento do trabalho pedagógico, etc.	Caixas escolares { Numero Total dos saldos
	b) O levantamento estatístico sobre:	Escolas { Matricula Frequencia Eficiencia
		Corpo docente (sua classificação) Higiene (instalações) Mobiliario Material didatico Predios Bibliotecas, etc.

nota. O material poderá ser fornecido pela Sec. pa uniformidade do trabalho.

— Como organizar a escrita de cada circunscrição, tornando-a facil, clara e possível de ser entendida e continuada por todos os assistentes que se sucederam?

Estravios da pedagogia da escola do trabalho

JUSCELINO DE AGUIAR JUNIOR.

A idéa da escola do trabalho não é nova. Marx e Engels mencionam frequentemente em seus livros o celebre economista V. Petti, a quem atribuem a paternidade tanto do conceito, como da expressão.

Nos circulos educacionais, Comenio, Pestalozzi, Froebel e outros empregaram a mesma expressão, sinal de que tinham pelo menos a representação empirica da escola do trabalho; porém, na época do intelectualismo, a expressão caiu em olvido.

De direito, não ha negá-lo, cabe a Kerschensteiner a prioridade da idéa da moderna escola do trabalho, e, sobretudo, o mérito de tê-la realizado em sua reforma das escolas primarias de Munich.

A expressão tornou-se popular e é hoje quasi universalmente aceita pelos educadores. Mas, como acertadamente observa Richard Wickert: "a pedagogia concebeu o problema da escola do trabalho na vasta extensão de objeto de ensino e de principio de educação, de método psicologico e de "valor civico", de vida e de atuação".

Não é, pois, de admirar que tenha surgido uma verdadeira confusão babilonica de conceitos. A escola do trabalho converteu-se precisamente no receptaculo de toda idéa pedagogica de reforma".

Na verdade, o conceito tornou-se vacilante, e a expressão "escola do trabalho", acabou por perder seu sentido original. Representantes de movimentos pedagogicos e politicos antagonicos, falando de escola do trabalho, atribuem a essa locução um conteúdo totalmente diverso.

Ha, porém, um postulado sobre o qual todos os partidarios da escola do trabalho estão de acôrdo: é o do ativismo da escola moderna, principio fundamental da pedagogia contemporanea. Aliás, essa teoria, a que os psicologos deram recentemente base científica, já era empiricamente conhecida desde muito tempo. Todos os educadores compartilham essa opinião, sem discrepancia. Quem ousaria hoje defender a passividade da escola arcaica, como principio pedagogico? Infelizmente ainda ha quem o pratique, mas ninguém ousa confessá-lo.

Em relação á escola do trabalho, a controversia gira em torno de duas questões: uma é a idéa do trabalho; a outra, a idéa dos fins prosseguidos pela escola.

O melhor modo de elucidar essas questões seria analisá-las á luz das ideologias educacionais que orientam o movimento escolanovista com seus principios basicos de escola unica, escola ativa, escola comunidade ou cooperativa, escola de autonomia; principios esses que convergem todos para a organização pedagogica e socio-politica da escola do trabalho. Porém, para tanto, falta-nos tempo e espaço, e falta-nos autoridade. Limitar-nos-emos, por isso, a um méro confronto entre os conceitos divergentes de três grandes precursores da escola do trabalho: Kerschensteiner e Laj, na Alemanha, e Dewey, nos Estados Unidos.

E' obvio acrescentar que o nosso desvalioso escôrço, sobre ser demasiado fragmentário, resultará ainda mais deficiente sem a contribuição de outros expoentes da escola do trabalho, de alto valor pedagogico e filosófico: Natorp, autor de "Pedagogia Social" e do "Idéal Social", cuja concepção é eminentemente sociologica; Gandig, que opõe ao "manualismo" pedagogico de Kerschensteiner a "escola do trabalho espiritual", no sentido do novo humanismo de Spengler e de Keyserling, este muito conhecido nos circulos intelectuais do Brasil, após sua recente visita; Seidel, que considera a escola do trabalho como "a mais urgente necessidade socio-politica e pedagogica; Scheiber e outros, cuja influencia é sensível nos circulos da pedagogia hodierna.

Em campo diametralmente oposto ao dos representantes da pedagogia social-democratica, encontra-se, a corrente dos pedagogos marxistas e comunistas; Krupskaja, Lunachanky, Pestrak, e outros não comunistas, como Kalashnikov, Blonsky, os quais, entretanto, acompanham os comunistas, *et pour cause?* . . .

Entre esses dois grupos, o dos comunistas e o da "burguesia industrial", como dizem eles, o antagonismo é irreductível. Ha em primeiro lugar uma opposição radical de fins: ao passo que para os pedagogos da social-democracia um dos fins da escola é salvar a profunda opposição de classes sociais, que ameaça a propria existencia do Estado, promover a reconciliação das classes por meio da escola unica, considerada como uma consequencia pedagogica da idéa democratica do Estado, para os marxistas, a finalidade da escola, pelo menos durante o chamado "periodo de transição, é manter vivo e combativo o espirito de opposição de classes. As escolas russas (e algumas escolas austriacas) pros-

seguem ostensivamente uma finalidade de classe no sentido da ditadura proletária, já se vê.

Em uma palavra, a sua finalidade é dar á criança a visão proletária do mundo.

Divergindo radicalmente em relação aos fins, essas duas correntes necessariamente divergem quanto ao papel do trabalho na escola.

Escorço histórico e pedagógico da leitura

CAPITULO I

Primórdios da leitura — A interpretação dos gestos e do desenho

As mais antigas civilizações se nos revelaram, por intermedio de inscrições e outros documentos, cuja decifração constitue a historia da leitura e da escrita, através dos seculos. A evolução atual do mundo liga-se a esse passado remoto, por uma sucessão de élos que perpetuaram o pensamento humano na pedra, no tijolo, na papyrus, no pergaminho ou no papel, em concatenação logica e definida, a qual constitue, certamente, objéto de investigações e estudos valiosos e interessantes.

Passemos em rapida revista a evolução da leitura, desde os seus primórdios conhecidos; analisemos sucintamente o processo lento, obra de seculos, pelo qual as primeiras imagens desenhadas, para o fim de comunicação de pensamento, se simplificaram nos simples sinais fonéticos que constituem o instrumento maravilhoso que é o alfabeto, o qual tornou possiveis as civilizações.

No norte de Babilônia se encontraram documentos escritos ha mais de seis mil anos, numa época em que a arte de ler já datava, certamente, de milhares de anos. Clodd, em sua historia do alfabeto, chega á conclusão de que há oito mil anos a escrita babilonica já havia atingido a um grau de evolução superior ao simples estagio pictografico, sendo o berço presumivel do alfabeto. A historia do Egito baseia-se numa antiquissima literatura cujas paginas datam de sete mil anos passados; paginas brilhantes que assinalam uma etapa admiravel do progresso das letras, entre esse povo antiquissimo, — já então num periodo evolutivo de milhares de anos.

Entre as ruínas de Creta encontraram-se inscrições soterradas, datando do terceiro milenio antes de Cristo.

Antiga como póde nos parecer, a historia das letras nesses países, principalmente a do Egito e Babilonia, deixou-nos indícios suficientes de uma esplendida civilização. Sua origem perde-se entre as nevoas do tempo, tendo chegado, até nós, por intermedio de mitos e lendas. Essas paginas constituem documentos preciosos, por trazerem impressos os indícios da verdadeira origem do sistema de escrita usado nesses países. Provam que, em éras remotissimas, o curso da leitura e da escrita, entre esses povos, foi o mesmo observado entre povos mais recentes e continua estagiario, em seus mais simples elementos, entre as raças selvagens de todos os tempos, quando abandonadas a si mesmas.

Varios povos e tribus, em diversos continentes, desenvolveram sistemas diferentes de escrita. Alguns desses sistemas chegaram a atingir a uma perfeição relativa; outros, paralizaram em diferentes estagios de desenvolvimento; outros, ainda, se acham nos rudeimentos de sua viagem.

Em qualquer de seus estagios, a evolução da escrita se fez sempre pelos mesmos processos, num sistema constante, nas linhas gerais de seu desenvolvimento. Encontram-se indícios eloquentes dessa semelhança na historia de povos de raças distintas e separados por enormes distancias, como sejam os Mayas do Yucatan e os Egipcios; os Ojibwas, de Norte-America, e os Babilonios.

Tendo em mente o computo de diferentes sistemas, procuraremos ilustrar, mais adiante, as diversas fases do desenvolvimento da escrita e da leitura, por meio de citações e gravuras, de modo conveniente, pondo em relevo os Egipcios, como o povo mais tipico e conhecido.

A humanidade começou a aprender a lêr pela interpretação de figuras ou simbolos representativos de objéto e idéas, conforme costumam fazer as crianças. Eis o fato incontestavel. Os livros se escreviam em cascas de arvores, e bibliotéca ou livraria (*liber*, — *cortex*), assim como letras (de *lino* — *pintar*), se impregnam vagamente do perfume dos bosques.

A principio se esboçavam, simplesmente, no espaço, as fórmulas simples dos objéto ou simbolos, de modo a serem lidos instantaneamente. O som articulado e a mimica, combinados, constituíram o meio usual de comunicação do homem prehistorico, como ainda hoje, entre os selvagens, em geral. Dotados de extraordinaria habilidade mimica, estes

ultimos perpetuam, nos tempos hodiernos, o costume ancestral do gesto, em seu commercio com os estrangeiros e tribus vizinhas. Tylor, em sua *História da Humanidade e os Selvagens da America*, afirma que o indio é um mimico eximio e um pitografo notavel. Mimica e pitografia se desenvolveram de concerto, tendo um mesmo ponto de partida, — o movimento, isto é, — o gesto.

O proprio homem civilizado recorre frequentemente ao gesto para reforçar e dar enfase ás suas palavras, e entre alguns povos como o napolitano, por exemplo, a gesticulação representa parte importante, no trato diario, entre os individuos.

Se os homens tivessem sido privados dos órgãos vocais e do sentido da audição, não tenhamos duvida de que teriam inventado um alfabeto de sinais visiveis, por intermedio dos quais expressariam suas idéas e sentimentos.

A raça humana se desenvolveu em condições normais e de modo logico. Todas as altas qualidades adquiridas posteriormente formam um élo admiravel, com raizes solidas nas qualidades naturais; o instinto, por exemplo, para só citar uma. De modo que o homem moderno, o sabio, deve remontar a essa origem remota, para poder traçar a rota invariavel das civilizações. Desse modo, não admira que a tendencia, muito notada em crianças de tenra idade, a imitar e reproduzir a mimica do homem, tornar-se-á, provavelmente, um dia, objéto de observações cuidadosas, de estudos especiais.

A gesticulação não passa, em parte, de uma linguagem ilustrada independente; de uma como serie de desenhos traçados no ar ou, como lhe chamou W. von Humboldt, "uma especie de escrita".

Citemos ainda Tylor:

Ha uma intima relação entre esses dois modos de expressão do pensamento. O gesto, póde, em verdade, traduzi-lo com maior força e rapidez do que a pagina desenhada ou "pitografia", mas é muito inferior a ela quando se trata de dispôr os diversos elementos de uma sentença, em série coordenada, de modo a não deixar lacunas em sua interpretação. Além disto, o quadro tem a vantagem de apresentar um conjunto de acontecimentos, de maneira permanente, sob a fórma de mensagem, a um lugar distante, ou documento, para os tempos futuros. Gesto e desenho têm como escôpo a imitação de qualidades visiveis, para o fim de transmissão ou expressão; ambos derivam de uma mesma condição do espirito humano. Facilima a transição entre desenhar

no espaço ou na areia, sobre uma casca de arvore ou bloco de madeira. Alguns indios do Brasil Central costumam desenhar, na areia, aquilo que lhes é difficil exprimir pelo gesto. Tais desenhos não passam da projeção, sobre uma superficie diferente, dos movimentos da mão com os quais se descrevem os contornos dos objéto, no ar. Dessa transposição do gesto podemos inferir a origem da pagina desenhada; particularmente entre os indios de Norte-America, cujos desenhos convencionais derivam de gestos que lhes correspondem.

Seria temerario afirmar-se que os primeiros objéto desenhados pelo homem primitivo, tivessem sido feitos para o fim especial de comunicação; bem póde ser que tenham sido traçados por méro desfastio, como acontece com os primeiros rabiscos de uma criança. Mas podemos afirmar, com certeza plena, que, desde os tempos penumbrosos da prehistoria, o homem primitivo desenhava sobre materiais diversos, deixando á posteridade uma documentação ingenua mas expressiva da vida das cavernas, dos costumes de sua vida simples e da fauna existente. Ignoramos qual tenha sido a sua linguagem, mas sabemos como desenhava. Os especimens existentes da arte paleolitica são o mais antigo medium de comunicação do pensamento, curioso e expressivo em sua simplicidade. Esses velhissimos desenhos atestam, de maneira eloquente, a analogia do gesto, em todas as partes do mundo, e a mimica do selvagem, substancialmente a mesma, parece-se com a da criança que não sabe falar, do mesmo modo que sua pitografia não sómente lembra a de seus irmãos de longinquas e ignoradas tribus, mas ainda tem o mesmo espirito dos rabiscos feitos pelo pirralho iletrado das raças civilizadas. Do mesmo modo que o gesto, a arte pitografica tende a provar que o espirito do homem inculto se manifesta de modo uniforme, por toda parte.

Que a pagina desenhada é inconcebivelmente antiga está provado por uma infinidade de desenhos representando animais de especies extintas. Nesses desenhos, riscados com lascas de silex sobre fragmentos de ossos, chifres, schistos, etc., o caçador selvagem do Periodo da Renna figura ao lado dos animais que caçava. Do fundo de cavernas, em França, Belgica, Espanha e outras partes da Europa Ocidental, cujos depositos estratificados datam do periodo da pedra lascada, se desenterraram varios desses desenhos. Ora, é o bronco troglodita a brandir a lança, ou em tocaia, negaceando manadas de cavalos selvagens; noutros, o homem rasteja, em

perseguição ao *urus* (uroch) ou touro selvagem, ou ao pelo do mamout, de presas colossais.

Um dos mais famosos achados da arte paleolítica representa um desses colossos de pêlos compridos, orelhas larguíssimas e presas recurvas. Nesse desenho não se vêem os pés do monstro, atufados, que estão, na herva alta de um prado.

Esses toscos desenhos, de muitos milhares de anos, são o germen dos alfabetos, pedras angulares da civilização e que se desenvolveram pari-passu com ela. Vejamos como.

Na primeira fase da pitografia, os desenhos se traçavam sobre um material qualquer e para diferentes fins. Um caçador, em penuria, rabiscou a história de sua desdita em uma lasca de madeira, a qual fincou á beira do trilho mais próximo, á guisa de aviso aos transeuntes. (Fig. 1).

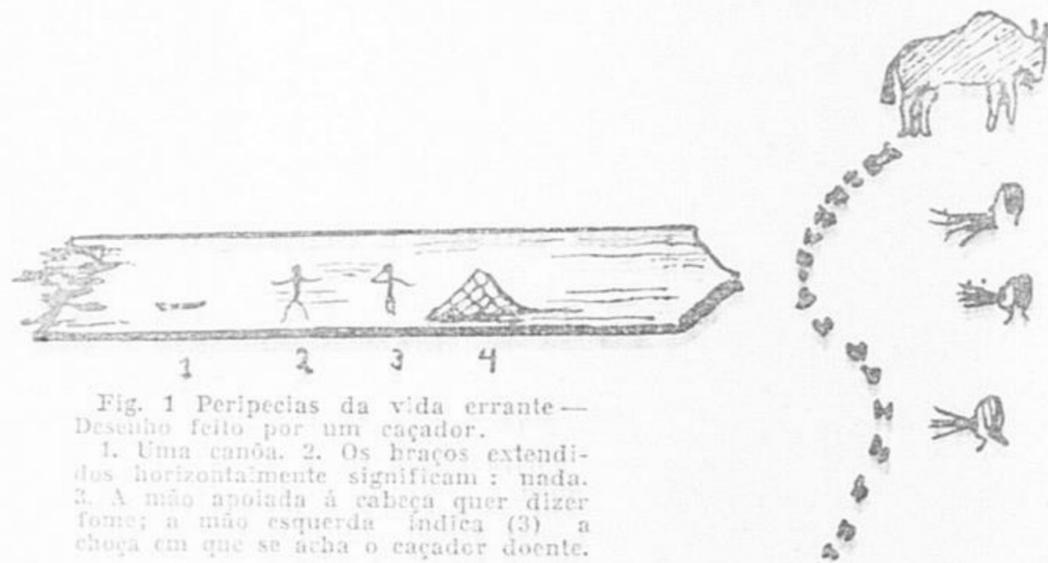


Fig. 1 Peripecias da vida errante — Desenho feito por um caçador.
1. Uma canôa. 2. Os braços estendidos horizontalmente significam: nada. 3. A mão apoiada á cabeça quer dizer fome; a mão esquerda indica (3) a choça em que se acha o caçador doente.



Fig. 3

Noutros casos, a caça abundante na região acha-se indicada nos flancos de um penhasco bem conhecido, por meio de desenhos representando a fauna local. Sobre as lapides dos tumulos inscreviam-se e se perpetuavam as proezas cinegeticas ou guerreiras do chefe. Outras vezes, o pensamento do artista se elevava ás divindades da raça, as quais gravava nos flancos dos penhascos, como um penhor de segurança e proteção. Ou, ainda, a história de uma caçada se

Fig. 2. Pictografia Hidatsa, narrando a historia de uma caçada.

acha, toda inteira, nos riscos de figuras traçadas sobre o omoplata do bufalo abatido. (fig. 2)

De modo que, na pedra ou em crâneos, sobre peles, ossos ou dentes de animais, em superfícies de natureza varia e, em alguns casos, sobre o corpo humano, por meio de tatuagens, os desenhos eram executados, de acôrdo com as exigencias do momento ou a fantasia do artista. Os estudiosos da psicologia infantil vêem nessa arte primitiva, interessante analogia com os desenhos e símbolos entalhados ou riscados a lapis, a giz, etc., no recinto e fóra de nossas escolas, alguns anos atrás.



(Fig. 4) Aviso. (Novo Mexico) (de Hoffman)

Fig. 5 — Deposito de pemaitkan. (Abundancia)

Os quadros feitos pelo homem primitivo, — esboços toscos dos objetos que o cercavam, — constavam de umas poucas linhas ou detalhes, de acôrdo com a idéa geral que o artista fazia do objeto. Um simples contorno, esboçado de modo rapido, simples, algumas linhas ou angulos; certos lados acentuadamente caracteristicos da coisa reproduzida; o essencial, em suma, de sua idéa geral. . . Nossa percepção das cousas tem muito de sugestivo, mas não existente: e aquilo que *não é* pôde substituir mentalmente a realidade e até, de certo modo, completá-la. Assim, nosso indio figurou o som saindo da bôca do caçador, do mesmo modo que a criança, em seus desenhos, deixa vêr, por transparencia, as pernas de uma figura vestida.

Nos desenhos primitivos há um surpreendente espirito de síntese. É o conjunto em suas partes essenciaes, como nos mitos da raça americana ou na imitação infantil. O convencionalismo das figuras, para o uso especial da leitura, constituirá assunto á parte, de que trataremos oportunamente. Veremos, com efeito, que, com o correr do tempo, os desenhos não se limitaram a reproduzir as cousas, de

modo simplesmente objetivo e pitografico. Passaram a representar idéas ou sentimentos diversos, tornando-se em "ideografias". Assim, combate representava como na (fig. 3)

A fig. 4 reproduz um aviso colocado ao pé de uma rampa alcantilada, dando a entender que uma cabra poderia subi-la, posto que a um angulo de 45°, mas um cavallo cairia se tentasse fazê-lo.

A substituição do todo por uma parte tornou-se frequente, na representação dos animais: varios dentre êles passaram a ser representados por um desenho de cabeça, principalmente em se tratando de animais munidos de chifres. O Perú selvagem indicava-se pelos três dedos do rasto; o urso, pelo contorno da pata. Munida de fortes garras, esta indicava o urso pardo; na ausencia de garras, ou sendo estas curtas, tratava-se do urso negro.



Fig 6



Fig. 7

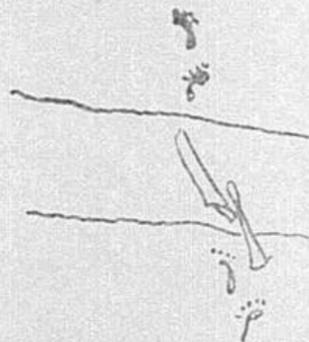


Fig 8

Já os Egipcios convencionavam a idéa de mãe por um abutre, porque diziam que esta ave alimentava os filhos com seu proprio sangue, e a palavra *rei* lia-se na figura de uma abelha, por causa da fórmula monarquica do governo desse inséto.

Hoffman diz em seu "Primordios da Escrita" (pag. 50). que a representação, entre certos povos, de idéas abstratas pela pitografia, é mais frequente que a méra representação dos objéto, em si. A fig. 5 é o simbolo da abundancia.

O circulo representa um deposito de *pemmikan* ou carne de bufalo. O contorno da cabeça deste animal, no interior do circulo, e a forquilha indicativa do estaleiro de secagem mostram a natureza do alimento em deposito.

A fome era simbolizada por um homem com o peito ou o abdomen atravessados por grossa vara. Noutros casos a mesma idéa se representava por uma figura macilenta, com as costelas salientes. Empregava-se tambem, frequentemente, a indicação do gesto sugestivo de certas idéas, como sejam, a cruz, simbolo de comercio ou permuta; desenhos reproduzindo o gesto de comer, alimento, fome, etc., entre os Indios e os Egipcios. A simplificação continúa. Os desenhos de mais a mais sintéticos tornam-se méros símbolos convencionais dos objéto ou idéas que representam. Desse modo, para os Indios, um tomahawk encarnado era a guerra; um cachimbo ou duas mãos dadas, em aperto de cumprimento, representavam a paz. Os indios Ojibwas figuravam a primavera por meio de arvores, com vagas indicações dos primeiros botões, e o inverno, pela fig. 6.

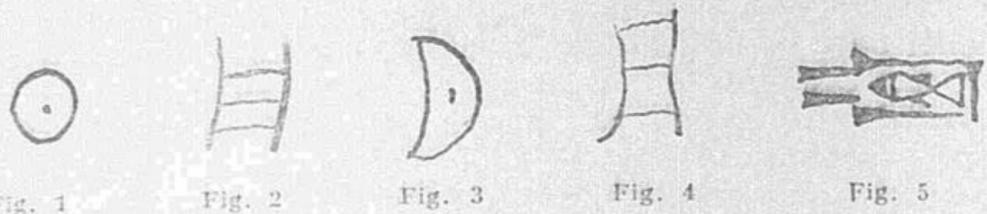
Fig. 9. Canto
(desenho Ojibuva)

Fig. 10. Conservação

A linha curva representa o céu, de onde a neve cai em zigue-zagues. O inverno, para êles, era a Estação da Neve. O outono, era, ás vezes, representado pelo chão juncado de folhas; o mês, por um crescente; o dia, pelo sol ou pelo sôno, figurado, neste caso, por meio de um homem reclinado, em posição de dormir. A figura 7 indica a maneira por que os Ojibwas representavam a manhã. A linha curva indica o curso do sol; a pequena linha rêta, em posição oblíqua, á esquerda, conforme vimos, representa a manhã; colocada ao meio do arco de circulo, significaria meio-dia; e, á direita, — tarde. Este desenho parece corresponder estritamente ao gesto relativo ás idéas que representa. Esses mesmos indios costumavam tambem simbolizar a manhã por meio de um sol radiante, emergindo da linha do horizonte. A figura 8, reprodução do desenho de um indio mexicano, relata uma viagem a pé e por agua, conforme mostram os rastos e os remos. A linguagem e os sons, em geral, representavam-se de varios modos. O canto, entre os Ojibwas, era ideografado pela figura abaixo: as linhas — (fig. 9).

indicadoras da vibração dos sons se repetem em volta do coração, como indicio de emoção jubilosa. Uma outra tribu simbolizava a conversação pela fig. 10; as linhas duplas, saindo das bocas das figuras respectivas, servem, aqui, como interpretação de dialogo.

O desenho adquiriu, assim, fórmulas consecutivas, cada vez mais simples, e sua função se tornou mais extensa; já



não era a simples figuração de fórmulas objetivas, se não que passou a representar os sons, ações e sentimentos diversos, bem como as concepções mais abstratas do espirito. Em consequência dessa evolução, perdeu, em grande parte, o seu caráter primitivo, tornando-se convenções quasi arbitrarias, em função de seu novo papel.

Essa evolução da pitografia se fez sentir mais acentuadamente, entre alguns povos mais evoluídos. No chinês antigo, por exemplo, o simbolo representativo de sol (fig. 1) transformou-se em (fig. 2) do mesmo modo que a ideografia pela qual se representava a lua (fig. 3) evoluiu para esta outra: (fig. 4). Atribui-se o fato á dificuldade em se traçarem



linhas curvas com os longos pinceis de cabo de bambú que os chineses usam, inda hoje, para escrever.

O nome (fig. 5) de Ninive, exemplo tipico, fornecido pela escrita fenicia (fig. 6) deriva da fórmula arcaica. (fig. 5).

Representam os desenhos acima a fórmula ideografica de uma casa contendo o simbolo de um peixe, o que encerra a verdade historica da fundação de Ninive imperial; esta cidade, como seu nome indica, foi, em sua origem, um aglomerado de cabanas de pescadores.

A palavra canto escreve-se, em chinês, (fig. 7.), convenção moderna que substitue os dois symbolos primitivos, representando respectivamente, uma orelha e um passaro. Estes dois caracteres (fig. 8.) são a representação escrita da palavra luz; derivam de seus ancestrais, (fig. 9), maneira previamente usada para representar o sol e a lua.

O significado dos caracteres foi-se modificando, em muitos casos, conforme sugerem as illustrações acima; esse fenomeno se estende a todas as linguas, cuja evolução acompanha necessariamente a marcha do progresso, através dos seculos. O numero limitado de caracteres efetivos determinou um acrescimo correspondente á sua significação, por meio de metáforas, etc., á medida que aumentava o numero das idéas a serem expressas.

No Egipto antigo, a pena do avestrús, além de seu significado proprio, serviu para simbolizar a justiça, pela razão de que se supunha serem todas do mesmo comprimento; um rolo de papyrus era sinonimo de saber; a figura de uma vaca a correr em direção de um rio ou agua, em geral, significava sede; o brandir de um açoite dizia de poder, mando, etc.

Como se vê, esse sistema de leitura por meio de graficos, com seu entrançado metafórico, ás vezes, quasi enigmático, exigia memoria robusta e argucia, da parte do leitor. Qualquer duvida ou ambiguidade acarretaria confusão na interpretação dos symbolos, o que os tornaria pouco menos que inúteis. Fez-se, pois, necessario o acrescimo de certas chaves ou determinantes, especialmente nas linguas egipcia e chinesa. O exemplo da aposição de uma orelha á ideografia de passaro, para significar canto e o da grafia da palavra luz, nas circunstancias já descritas, são dos mais typicos.

No antigo chim, a palavra *mulher*, repetida, significava *briga*; três mulheres queriam dizer: *intriga*. Uma orelha, entre duas portas, dava a entender-se — *escutar*.

Usavam-se ainda outros determinativos para grupos de palavra. Assim, entre os chineses, diz Clodd, uma arvore colocada antes do simbolo de branco — significava cipreste; um homem prefixado ao mesmo simbolo queria dizer *irmão mais velho*. A ideografia de arvore tinha cerca de novecentos significados, para indicar varias especies de arvores, madeiras, objetos de madeira, etc.

Entretanto, os recursos de habilidade dos primitivos pitografos e a finura e penetração dos leitores na interpre-

tação dos caracteres pitograficos e livros de figuras conseguiram fazer dessa linguagem um instrumento á altura das necessidades crescentes da civilização, entre os diferentes povos. Porque as vantagens que essa linguagem oferece sobre o sistema fonetico, conforme veremos oportunamente, não compensam as limitações de seu uso, entre os povos civilizados. Entre estes as idéas aumentam continuamente em numero, acompanhando a marcha evolutiva dos tempos, após cada nova descoberta, impossibilitando o emprego exclusivo de numero necessariamente limitado de simbolos, principalmente quando se faz necessária a divisão da conversação, em partes, e a coordenação destas em sentenças.

E' possível, entretanto, que os Egipcios e os Babilonios houvessem conseguido adaptar o sistema pitografico ás necessidades crescentes de sua civilização, fóra das normas fonéticas que adotaram, do mesmo modo que a pitografia e a mimica teriam chegado a um gráu de perfeição quasi prodigioso, se não tivessem sido substituidos pelos processos melhores e mais simples, impostos pelas civilizações estrangeiras. Note-se, porém, que nenhum povo primitivo conseguiu desenvolver a pitografia ou outro qualquer sistema de escrita, ao ponto de perfeição que ela atingiu entre os povos que adotaram e fizeram desenvolver um alfabéto.

Em o Novo Mundo, sómente os povos da America Central e do Mexico ultrapassaram esse periodo primitivo, sem que, todavia, houvessem logrado atingir o perfeito desenvolvimento dum sistema fonetico eficiente. Os chinêses e os povos das costas orientais do Mediterraneo parece terem sido os unicos que, no Velho Mundo, atingiram a um perfeito gráu evolutivo de sua antiga escrita pitografica.

Gremios literarios

(Por MARIO MAGALHÃES)

Uma coisa de que eu sempre tive birra; as recordações de fatos muito antigos e que já teriam cabelos brancos, se esses anexos da péle crescessem tambem nos acontecimentos, históricos ou lendários. Mas desta vez vou abrir uma exceção para sacar do meu arforge de recordações um caso que tem o seu quê de oportuno, apesar de um tanto serrodio.

Vão pondo nota: na minha mocidade — oh dias azues que mudaram em pretos! — tentámos fundar em Vila-Rica,

um gremio literario, sob a bandeira de nome que nos parecia cantante: Pedro de Calazans. Fiquem admirados: a escolha foi feita pela musica do prenome e do sobrenome, porque agora eu estou reconhecendo que a bagagem literaria desse poeta não era de marca a fazê-lo guia espiritual de ninguem.

Nunca passámos, entretanto, das 50 ou 60 sessões preparatorias, diarias e ferozes, para discussão de uns estatutos mais complicados que a Constituição de um povo, e acabámos por um ponto final que hoje se me exhibe excessivo, rachando a cabeça a dois ou três oradores que nos pareceram mais impertinentes e atirando pela janéla e ciscalha-gem dos regulamentos internos da tertulia abortada.

Está visto que moços que aplicam o percloréto de ferro como comentario a devaneios literarios assáz contundentes não pensam jámais, a sério, em congregar-se em torno de um nome para fazer vida de letras.

Essas cabeças quebradas no inicio da minha carreira literaria puseram um termo á ansia que porventura tivesse de frequentar sodalicios letrados.

Reconheço, entretanto, que nada existe de melhor para formar a mentalidade dos nossos moços do que essa passagem pelos pequenos centros culturais — gremios artisticos, clubes científicos, etc. — organizados nos nossos collegios de instrução secundaria.

Parece-me que os moços criados nesse ambiente, formados espontaneamente por êles, têm uma certa elegancia espiritual, um gosto literario mais fino, e vou dizer tudo! — um tacto inteligente, e por bem dizer fidalgo, na escolha dos livros que desejam lêr.

E' claro que ainda se ressentem da ansia natural de lêr tudo ao mesmo tempo, — um livro de versos, um livro de viagens, um romance de ficção, critica, filosofia, coisas assim de gosto e de orientação diversos, o que torna tumultuaria, insofrega, uma taréfa que de si mesma devera ser repousada tranquila.

Mas, essa leitura desordenada, propria até dos que comecem, póde ser corrigida, desde que os estabelecimentos de ensino ponham junto de cada gremio, como companheiro mais velho da rapaziada, um professor que vá, sem mostras de autoridade catedrática, o que seria odioso, guiando os espiritos afoitos na escolha dos livros convenientes, aparando as rebarbas, as demasias tão á feição da mocidade, e indicando sempre as boas obras.

Eu mesmo, que escrevo estas ponderações, como professor de vernáculo em estabelecimentos de ensino desta cidade, a Escola Normal e o ginásio Gramberi, tenho procurado proceder condizentemente com as normas que aí ficam e que me parecem boas.

No Gramberi, como assistente e presidente de honra do gremio Castro Alves; na Escola Normal, como docente de português, estou sempre às voltas com a questão literaria, procurando alentar o amor que os meus discipulos revelam pelos escritores. E vou notando nessa mocidade, rapazes e moças que fazem o curso de português, uma afeição consideravel pelas letras e pela lingua que falamos.

No Gremio Castro Alves, já tenho encontrado rapazes de cultura literaria bem acima da craveira comum e sei que em outras associações de letras mantidas pelos alunos do Gramberi e assistidas por professores do estabelecimento vai tambem um ardor intenso que não pôde deixar de fructificar em pomos ótimos.

Digo o mesmo da Escola Normal, onde encontrei algumas estudantes que poderão fazer belas coisas em pról das nossas letras.

O gremio Castro Alves congrega alguns moços de valor real, estudantes de ginásio que hão de ser escritores, oradores de nota, e o mesmo posso dizer do belo numero de agremiados das outras associações ali instaladas, orientados por todos os professores. De entre estes aponto o docente de história, Adolpho Gonçalves, meu companheiro no Castro Alves e espirito amplamente aberto, de cultura bem norteada e segura.

Na Escola Normal, continuando a gizar o mesmo plano, organizei com a docente de socialização, d. Tita Ferreira, um dos talentos femininos mais completos da moderna geração de profesoras mineiras, integrada com bello rigorismo na missão de educar e de ensinar; organizei, eu dizia, um clube de português, em que nós ambos estamos depositando uma confiança que justifico.

As estudantes parece que compreenderam bem a necessidade de amar a lingua que falam e conhecer os seus escritores de melhor quilate.

E, como sei que em vários estabelecimentos de ensino desta cidade as coisas não defluem de modo diferente, estou pensando que todas essas agremiações literarias, desde que sejam bem compreendidas, serão núcleos de estudo e de divulgação dos nossos escritores e dos nossos escritos.

(Do Jornal do Comercio, de Juiz de Fóra)

Disciplina e liberdade

Modernamente não se admite disciplina sem liberdade, sendo a liberdade, ao contrario do que sempre se supôs, uma condição indispensavel á disciplina, á verdadeira disciplina que deve ser o reflexo de uma attitude interior — e não, apenas, exterior e puramente artificial, imposta pela vontade e pela *energia* do mestre.

A liberdade, entretanto, não é um fim: é um meio, e não deve degenerar-se em desordem anárquica.

Numa aula, em que as crianças estão entregues a si mesmas — ha o atordoamento da balburdia e os desastrosos efeitos da licença, porque elas fazem o que querem e o que não devem, transgredindo ás leis do seu justo desenvolvimento.

E' preciso não esquecer que a liberdade, mesmo sendo absoluta, tem leis que a regem e a caracterizam.

O professor deve saber dar á criança a faculdade de cumprir livremente o seu dever e é nisto que consiste a verdadeira liberdade absoluta para fazer o que é útil a si mesmo e não fazer o que é prejudicial aos outros.

A criança deve aprender a criticar e medir com justeza os seus próprios atos, afazendo-se, portanto, á pratica do auto-julgamento.

Todos nós, professores, duvidamos da possibilidade de conciliar disciplina e liberdade.

Erravamos, exigindo da criança uma disciplina aparente, que éla mantinha, tão sómente, sob as nossas vistas, quando sabiamos impôr a nossa vontade.

Certa vez — eu tinha classe admiravel. As crianças encantavam pelo seu procedimento, suportando, com agrado, as minhas exigencias — que eram as exigencias do programa complexo e pesadissimo, que devia ser esgotado, inteiramente.

Adoeci e faltei ao grupo, durante alguns dias. Minha classe virou um inferno.

As proprias crianças, visitando-me, surpreenderam-me, narrando coisas incriveis.

E' que se julgavam obrigadas a fingir, apenas diante de mim, para me agradarem, sabendo que era assim que eu gostava delas...

E quasi toda professora que tiver faltado ás aulas, poderá narrar casos semelhantes, pois quasi todas as substitutas são vitimas da insubordinação das crianças.

Ensinavamos á criança a dissimulação, a mentira, a hipocrisia.

Mas era um crime inconsciente.

E qual de nós não teve ocasião de verificar a atitude falsa das crianças, quando, por uma circunstancia qualquer, nos ausentava-mos, por um momento, da nossa classe?

Que se dava então?

Um frémito de alegria, uma explosão de instintos recalçados, sacudia aquelas almas infantis, e cada qual exhibia as suas tendencias para a travessura...

Quando o mestre não tinha força moral para se impôr, as crianças agiam arbitrariamente, e era, então, o reino da anarquia.

A criança ensaiava-se para uma vida de desorganização e desordem e o mestre esfalfava-se, lançando á conta da escola os seus cabelos brancos.

Todos nós, os responsaveis pela disciplina rígida ou pela anarquia da classe — andavamos errados.

Em certas escolas — as crianças sentam-se no chão ou sobre as carteiras, sem fazerem desordem. E' o que fazem naturalmente, quando levadas pelo interesse, e quando sentar-se no chão ou subir ás carteiras é necessario á realização de suas atividades.

No nosso grupo ha classes, em que ha liberdade e relativo silencio.

As crianças trocam idéas, movem-se, falam á professora, mas sabem fazê-lo, sem barulho, sem desordem.

E' o professor quem prepara o ambiente da sua classe interessando a criança, tornando as aulas atraentes e agradaveis num ambiente de trabalho e alegria — o que constitue, verdadeiramente, o ideal da vida escolar.

Mme. Boschetti Alberti chamava os incrédulos á sua escola para verificarem a disciplina na liberdade.

Não queremos a criança cabisbaixa e triste, dissimulada, a disfarçar o sorriso, tropeçando embaraçada ou acorada aos cantos, no recreio.

Queremo-la alegre e travêssa, mas de uma alegria e travessura naturais, e sabemos que ela merece o nosso respeito mesmo ainda quando suas expansões nos pareçam exageradas.

Em nosso grupo já se adota a liberdade e já se consegue a disciplina nessa mesma liberdade. Ha, porém, as primeiras doses, apenas, de liberdade, num ensaio de possibilidade da verdadeira disciplina, como ensaio ou experi-

mentação vão sendo ainda os métodos modernos que procuramos pôr em prática para renovar a nossa escola.

A criança, quando aprisionada e coagida na escola, desforra-se na rua. Uma prova de que nossas crianças já vivem uma vida melhor em aula — é que, nas ruas, em caminho da escola, já são raras as proezas condenaveis.

Angelo Patri, aproveitando-se da queixa de um pai que o responsabilizára por ocorencias da rua, com o filho, curou melhorar a sua escola.

Fundou a "Associação de pais e professores" para que aquêles, em contacto com a escola, cooperassem na educação dos filhos.

Iniciou as sessões de *Auditorium*, convidando os pais a irem apreciar a figura que seus filhos faziam na escola.

Construiu um jardim, em que trabalharam as próprias crianças.

Na formação dos bons habitos — e a disciplina é um bom habito — nunca devemos empregar a força.

Antes nos lembremos de que a doçura é realizadora de impossiveis.

Uma criança, que se conforma na apparencia, rebelase intimamente contra a autocracia de seu mestre que a humilha e esmaga, nas suas atitudes brutais de senhor.

Devemos ser justos e respeitar a personalidade da criança, responsabilizando-a por seus atos. Só assim é que a teremos disciplinada e ve-la-emos fazer o que deve, sem imposições.

E' preciso confundirmo-nos com a criança como um amigo ou irmão mais velho, capaz de um conselho, de uma informação que se pede e que se acata.

O mestre é o guia de seus alunos, e um guia não se impõe pela força: aponta o caminho, orienta, informa, conduzindo á descobertas de novas belezas e novos tesouros, como que adivinhando pensamento, tendencias e desejos.

Ao mesmo tempo promove a expansão e a alegria, conduz ás pesquisas e indagações, no desejo de desvendar as maravilhas que, aquí e alí, vão surgindo em tantas cousas inéditas e surpreendentes.

O guia deve aperfeiçoar-se na sua profissão: estudando, renovando-se cada dia, identificando-se com seus companheiros — e o que é mais importante — procurando conhecer psicologicamente cada um deles, que diferem tanto, para atrafir, agradar e bem servir a todos.

Assim, o professor: tem que estudar a criança, conhecê-la física e moral, como intelectual e socialmente, desvendando-lhe o ambiente da família, — na santa curiosidade do dever pedagógico, — para poder educá-la integralmente.

E a criança poderá, para seu próprio bem, exercitar livremente as boas tendências, sem que concorra para a indisciplina coletiva.

Quantas crianças fracassam na escola porque passam fome!...

E quantas não são rebeldes, por que desconhecem o carinho!...

O professor moderno instrui-se para melhor guiar e nunca para doutrinar.

Assiste-lhe o dever de renovação constante.

Aperfeiçoemo-nos — visando, apenas, a criança. E seja nossa a satisfação íntima que só a certeza do dever cumprido pôde dar.

ALICE DE ANDRADE SANTIAGO

(Do "Oeste Jornal", de Pará de Minas)

NOTAS E COMENTÁRIOS

A propósito dos recreios

Como se tirará melhor partido da memória? Eis um problema que Claparède propõe á meditação dos professores, em um de seus livros mais compulsados — "A Escola e a psicologia experimental".

A interrogação do eminente pedagogo ouviu-me ao espírito, ao lêr que a organização do horário, em nossas escolas, foi objeto de controvérsias, numa das fecundas reu-

niões a que se devotaram, julho findo, os assistentes técnicos.

Na organização do horário, não basta distribuir as matérias a tórto e a direito, como ainda hoje se faz na maioria dos ginásios. Há um conjunto de fatores que merecem ser ponderados. Examine-se um, dentre os que se relacionam com a pergunta do autor da "Educação Funcional". O recreio, a que os alunos se en-

tregam entre uma aula e outra, respeita as leis da memória? Mais claramente: qual o descanso que se deve proporcionar á classe, depois de uma aula? Para o assunto sempre convergiu o interesse dos tratadistas que, divergindo quanto á sua duração, são unânimes em atribuir ao recreio acentuado valor pedagógico.

Conheço um diretor de Grupo Escolar, que costuma olhar o recreio como uma prateleira vazia desta estante complicada, que é o horário. Anuncia a sineta o remate da aula? As professoras não devem acrescentar palavra á explicação encetada. Cumpre-lhes pôr a classe em fila, com ordem de marcha para o pátio. Entende mesmo o bom do homem que o recreio perturba a disciplina...

Qual é, porém, o valor pedagógico dos recreios? Atualmente, ninguém duvida de sua ação utilíssima no desenvolvimento físico dos escolares. O ponto está em admitir-lhe influência favorável no crescimento mental e social. Observem os alunos quando brincam. Olhem como se dis-

põem, aos grupos, jogando a malha, a peteca, ou, a um canto, empenhados na troca de objetos, realizam calculos, dando-se, com espontaneidade, á cultura do julgamento. Nessa atividade real, exercitam a linguagem e conquistam novas formas de conduta: progridem mental e socialmente.

Agora, o recreio em suas relações com a memória. Sabe-se que os conhecimentos adquiridos numa aula, prejudicam, inibem os conhecimentos ministrados na aula anterior. Assim o diz Claparède: "Quando se ensina uma coisa imediatamente depois da outra, este novo ensinamento enfraquece o anterior, causando um prejuizo retrospectivo. Disso se conclue que, depois de haver ensinado alguma coisa aos alunos, é forçoso deixar descansar o cerebro, antes de pretender dar-lhe novas noções; com isso, a noção anterior tem tempo de fixar-se e organizar-se".

Nas classes, em que o ensino é globalizado, a questão do horário saiu da ordem do dia. E, com êle, os recreios

que, neste caso, se impõem como uma necessidade, deixando de surgir á hora certa. Considere-se, entretanto, o ensino nos cursos normais. O descanso, interposto ás aulas, é de cinco minutos. Acrescente-se a circunstancia de se revesarem os professores, e, portanto, a manifesta impos-

sibilidade de se despir o horario de suas características mosaicas. Daí a pergunta: o descanso de cinco minutos, entre uma aula e outra, no curso normal, respeita ás leis da memoria? — MANUEL CASASANTA, professor da Escola Normal Oficial de Campanha.

Como corrigir os defeitos da pronuncia

Vimos que os defeitos da fala, em geral, determinam não só atraso no aprendizado, mas sobretudo a formação de um sentimento de timidez e inferioridade que póde por vezes levar ao fracasso uma vida das melhores possibilidades.

O defeituoso da fala, na escola, na familia, na sociedade, quer na vida particular, quer na vida pública, constitue objéto de môfa e de ridículo da parte dos outros.

E quanto á impaciência?

Quem, sinão as pessoas muito bem educadas, é capaz de suportar uma longa narração e tanto menos uma reclamação de uma pessoa que

articula mal, cicia, ou gagueja?

Tambem já acentuámos que o professor deve encarar o problema, com seriedade. Tem as mais graves consequencias. Merece, por isso, a maior atenção.

Ora, cada aluno que tem um defeito de fala, é um caso individual: merece observação individual.

Os estudiosos do assunto têm aconselhado inúmeras medidas, para cada caso: uns, que provêm de defeito orgânico, como lingua presa ou adenóide, devem ser encaminhados ao especialista; outros, e são numerosos, têm que ser atendidos e curados pela escola e pela familia,

com o estudo da formação dos sons e correção dos defeitos com o estudo do defeito da criança, com exercicios de ginástica apropriada.

Nesse sentido, justifica-se bem que nos programas de ciências naturais ou de biologia das escolas normais ou até nos de psicologia ou metodologia da linguagem se faça acurado estudo do aparelho de fonação.

E' preciso conhecer-lhe bem a estrutura e o funcionamento.

Muitas vezes são perfeitos e se os alunos erram é simplesmente porque fazem máu uso do aparelho.

Mas, como corrigir os defeitos?

Muito simplesmente.

Estudando, nos livros de linguagem, como se articulam os diferentes sons.

Cada som tem a sua articulação especial.

Para articulá-lo, põe-se em movimento o aparelho fonador, de um modo determinado.

Ora, basta verificar, diante de um espelho, se tal som é pronunciado por nós, de acôrdo com a pronúncia de uma pessoa normal.

Se se pronuncia mal, cabe usar devidamente do aparelho e afastar o defeito, com o exercicio.

Qualquer gramática da lingua traz uma parte acerca da fonética, que pouca gente lê.

Pois bem: nessa parte se pretendem estudar os sons fundamentais da lingua.

Basta que o professor verifique os defeitos de pronúncia de cada aluno, devidos ao máu uso dos órgãos da voz, para que, estudando o que se diz na gramática respeito a esses sons, os corrija, mediante uma série de exercicios, apelando para a própria vontade do aluno, dando-lhe a conhecer o remédio e convocando o auxilio da familia.

Dissemos que qualquer gramática traz um estudo, ainda que superficial, acerca da fonética.

Efetivamente: não há nelas as vogais orais e nasais? as consoantes contínuas e momentâneas? as guturais, as palatais, as reversas, as apicais, as lábio-dentais, as bilabiais?

Para que toda essa fragmentação?

Exclusivamente para que se saiba como usar do apa-

rêlho fonador para a direita articulação dos sons.

Quando se diz, por exemplo, que os sons *g* e *c*, como em gato e cópo, são guturais, quer-se dizer que se pronunciam com a raiz da língua de encontro á parte posterior da abóbada palatina.

Quando se diz, por exemplo, que os sons *f* e *v* são lábio-dentais, quer se dizer que se pronunciam com o lábio inferior nas pontas dos dentes incisivos superiores e em vara.

Ora, verificado que tal aluno pronuncia mal um desses sons, deve o professor fazer com que, ao pronunciar-lo, use, e devidamente, os órgãos da voz que lhe correspondem.

Nesse caso, a fonética, que é um capítulo enfadonho, passará a ser um capítulo de vivo interesse, porque de constante aplicação.

E' claro que o professor

não deve contentar-se com a informação ligeira de um compêndio. Buscará outros compendios. Irá até, se possível aos tratados especiais. Mas toda essa fadiga tem a sua razão de ser, não só porque é fácil a consulta de um livro ou pedir a alguém que dê a informação, mas também pela compensação, que é certa.

Se se vai ao Rio, a S. Paulo ou a Belo-Horizonte para consultar um especialista, porque não se vai ou não se pede que se vá a uma biblioteca, para copiar meia duzia de linhas sobre a articulação de um som?

Em aula ou em conversa, em casa ou na rua, o exercício, sob a vigilância dos interessados.

E, em casa, a sós, o aluno deve fazer a articulação, diante do espelho, até que o consiga perfeitamente. —

Mario CASASANTA.

As crianças e a escola

E', sem dúvida, inestimável a contribuição das ciências experimentais, a biologia e a psicologia, principalmente, á formação dessa nova

corrente pedagógica — a Escola Nova. E'las permitiram um estudo mais aprofundado da natureza do organismo infantil, assim como influ-

ram decisivamente no estabelecimento das leis que governam sua evolução, facilitando ao professor uma compreensão mais ampla e segura dos problemas da infancia e, por conseguinte, facilitando-lhes a resolução.

Um dos aspétois mais notáveis desse desenvolvimento, concordam todos os escolanovistas, foi a inversão dos fatores educativos, deixando a criança de se ajustar ao ambiente escolar, para gravitar este em torno dela. Isto, porque os progressos no campo da ciência psicológica esclareceram melhor o mecanismo da aprendizagem escolar, mostrando a necessidade da adaptação integral dos processos didáticos ás exigências da natureza infantil. E o professor que quizer vêr seus esforços bem empregados, deve subordinar todas as normas educacionais á natureza toda particular da criança, porque é trabalho infrutífero ir contra as leis naturais, pois, como muito acertadamente já disseram, não se governa a natureza senão prestando-lhe obediencia.

Cada criança, sob o ponto de vista educacional, deve ser apenas *uma criança*. O

professor que, com o objetivo de socializar o ensino, instruisse e educasse indiferentemente todas as crianças, acusaria a deficiencia de conhecimentos educacionais que possue. O que êle deve fazer, sempre que fôr possível, é se interessar pela criança em si mesma, como um caso particular. Por que pelo que se depreende dos estudos recentes da Tipologia, todo sêr, e portanto, a criança também, é diferente de todos os demais sêres, e até diferente de si mesma em dois momentos diversos de sua existencia. Com o auxilio dessa ciência a educação e a instrução serão mais bem aproveitadas, pois se não educarão e instruirão da mesma maneira pessoas completamente diferentes.

A educação é o desenvolvimento harmonico e integral do homem e, se em algum ponto não fôr complexa, também não será integral e, por conseguinte, não será harmonica. A verdadeira harmonia aqui está em considerar todos os aspectos da criança, com o cuidado, porém, de se respeitar a hierarquia dos valores individuais.

Por isso ao professor é im-

portante o estudo dos tipos constitucionais das crianças, ainda que não esteja fixada por completo a correlação entre o aspecto morfológico e o temperamento. Conhecidos pelo educador os pontos negativos e positivos deste, compete-lhe moderar ou recalcar aqueles e reforçar e estimular estes.

Sob esse ponto de vista, a educação será a resultante das qualidades bio-psicológicas inatas ao indivíduo, qualidades essas que se afirmam desenvolvem e consolidam paralelamente à sua evolução.

A criança, em todas as fases do seu desenvolvimento, apresenta-se com necessidades e interesses próprios, que devem ser respeitados. Ela é um ser ativo por excelência. Basta canalizar, com certa habilidade, a sua atividade e ligá-la a um interesse para que se consiga dela os maiores resultados. O característico mesmo de toda criança que vive livremente, é a sua atividade ininterrupta, física e mental, durante todas as horas do dia. A escola nova, tomando em alta conta esses fatos e essas circunstâncias, tudo facilita para

que o aluno aprenda por experiência própria agindo, pegando, analisando e consolidando depois, pela leitura, os conhecimentos adquiridos sobre uma base sólida de observação, experiência e análise. Praticar e agir, ver e analisar, adquirir hábitos que modifiquem sua conduta, criando a sua personalidade própria, neste ponto estão acordes todos os escolanovistas, são os verdadeiros fins desse movimento educacional.

No recreio e na aula, nos estudos e nos brinquedos, as crianças manifestam as suas tendências de aproximação e sociabilidade. É preciso aproveitá-las e não inibi-las ou cerceá-las por processos anti-pedagógicos. De tal maneira esta manifestação infantil é generalizada que comumente dizemos que uma criança triste é uma criança doente. A infância deve ser alegre, mesmo que seja barulhenta. "Nos Estados Unidos, escreve notável pedagogo contemporâneo, um grupo seleto de professoras toma parte ativa nos jogos infantis, brinca, participa dos folguedos, inclementa a algazarra, isto porque está dentro do

programa escolar a expansão sincera e sem entraves de seus movimentos e de sua alegria".

É preciso que se desperte e cultive na criança o entusiasmo pela vida, o que só se consegue deixando que ela viva livremente. Ela, tomada desse sentimento, procurará adquirir conhecimentos, procurará subir, revelando suas capacidades. Por isso o professor deve observar atentamente a criança, descobrindo-lhes as aspirações e as tendências, para saber quais os motivos infantis que estimulam suas forças e energias, fazendo com que a criança aprenda tudo aquilo de que venha a precisar mais tarde, porém sem constrangimento e guiada exclusivamente pelo interesse.

É preciso também que se conceda liberdade à criança para ela poder construir a sua personalidade. Mas não essa liberdade ampla, chegando às raias da balburdia, de que os anti-escolanovistas se valem para combater o atual movimento pedagógico. Porque, se o homem, o cidadão tem governo, e se a criança é o homem de amanhã, é preciso que ela conheça a

existência desse governo, em todas as faces de sua educação, para ser bom cidadão. É preciso que o professor saiba até onde permitir essa liberdade, afim de que não prive a criança de participar diretamente das lições, não só vendo e analisando, como agindo e trabalhando. A inatividade dos alunos e o rigorismo disciplinar são cousas condenadas pela nova pedagogia. O maior ideal das crianças é o de viverem e crescerem à maneira de crianças — isso, sim, é que devem sempre ter em vista os educadores.

A pedagogia não pode descuidar desse período da evolução infantil, em que tanto o desenvolvimento físico como o intelectual sofre tão grandes transformações. A escola nova se empenha por desenvolver as aptidões inatas e os valores individuais das novas gerações, das gerações nascentes, procurando orientá-las para a sua perfeita integração na vida social. O dia de amanhã será das crianças de hoje, porque do adulto nada é dado esperar senão a repetição do que fizeram os outros durante séculos. A criança não. Por-

que se "êla põe a mão no fogo, ficando sabendo que isso queima, adquire a experiência e não volta a realizá-la. O adulto lida com o fogo todo o dia e não aprende nada. Sua vida obedece a normas, a preceitos para êle

imutáveis. Se esses preceitos infelicitam uma multidão, é a multidão que deve ser acomodada aos preceitos, resulte daí o que resultar".

Ruy de Oliveira Santos

NOSSA EXPERIENCIA

Uma semana pelo campo

Em Campina Verde, prospero distrito do município de Prata, Triângulo Mineiro, existe um modesto Instituto de ensino, denominado Licéu Mineiro, e no qual estão sendo postas em prática as mais modernas idéas pedagógicas.

O que vai lêr é o relato de uma excursão levada a efeito pelos alunos daquêlê educandário, e pelo qual se poderá aguilatar da ação fecunda do Licéu.

Aos leitores da "Página" daremos, dentro em breve, uma vista de conjunto sobre a grande obra que naquêlê longínquo tracto de sertão mineiro se vem realizando.

Sem aceitar totalmente as teorias naturalistas, confesso exercer a natureza extraordinário e nefável ascendente sobre mim, o que me faz buscá-la em todos os momentos que o posso fazer. E esta influencia se reflete naturalmente em todos os alunos que frequentam o Licéu Mineiro, pois constantemente procuro lhes mostrar quanto a vida placida do campo é superior á agitação de-

sordenada dos centros urbanos, onde o homem, na maioria dos casos, sofre e moureja, julgando encontrar o prazer da vida no prazer dos olhos, esquecendo que a verdadeira felicidade consiste unicamente na paz de espirito e na satisfação do dever cumprido.

Em princípios deste mês de maio, conforme sempre o fazemos, demos uma fugida ao campo, e desta vez com mais interesse que das outras, porquanto ali permanecemos pelo espaço de quasi uma semana. Infelizmente o preconceito ainda não nos permitiu que levássemos comigo também as meninas, como era o meu desejo.

O local fóra escolhido por um grupo de alunos, com a necessaria antecedencia. E no dia aprazado saímos do Licéu com o sól a pino. A caminhada não seria pequena — 6 a 7 quilômetros — e os escoteiros iam sobrecarregados: 8 barracas, 3 tanbores, 2 corpetas, ambulancia, objetos de higiene pessoal, roupa de cama, (cada um levou a sua), bandeira, lanternas, material de cozi-

lha, viveres, etc. Levavam tambem dois carrinhos, que foram puxados e nos quais ia o resto da cozinha.



Não pudemos sair de madrugada, conforme era nosso desejo. Contentámo-nos com a hora que se nos ofereceu.

A nossa marcha foi lenta: em cada 15 minutos descansávamos 10. E' que dentre as patrulhas do Grupo de Escoteiros "Padre Jeronimo", figurava uma de lobinhos. E, demais, iam todos "achalados com a carga", por campinas desabrigadas, onde o sól parecia querer devorar tudo.

Pouco mais ou menos ás 3 horas da tarde, chegámos. Ninguém se queixava de cansaço. O sitio era de veras agradável: o horizonte visível em todos os cantos, denunciava um lugar que estaria sujeito aos ventos frios do sul, se deste lado não estivessemos abrigados por uma pequena mata, na entrada da qual havia um exuberante "oiho dagna", cristalina e pura.

Para que fossem evitados a humidade e os mosquitos, convençionámos que o nosso acampamento fosse feito em pleno campo, proximo ao local onde nascia a agua.

O instrutor dos escoteiros, que tambem é um aluno da Licéu e se chama João Severino, logo que chegámos, se interessou para que as barracas fossem armadas o



mais breve possível e, tambem, que o rancho da tropa não retardasse muito.

O serviço foi bem distribuido e deu ótimo resultado. São 4 as patrulhas de nosso grupo e res-



pondem pelo nome de Estados do Brasil. Assim, temos as patrulhas Minas-Gerais, S. Paulo, Goiás e Rio de Janeiro.

A primeira foi cuidar da janita, a segunda, armar as barracas, a terceira, cortar e capim com que se forrasse o chão onde se fizesse deitar, e a ultima, que é justa mente a dos lobinhos, ficou apenas observando o trabalho dos outros. O certo é que, em me-

nos de duas horas, estava tudo pronto. A nossa primeira refeição consistiu de arroz, feijão, farinha e carne secca, de que levamos bastante provisão. Mais tarde, foi servido café com pão.

As nossas barracas, que são amplas, foram colocadas em forma de elipse, tendo ficado uma distancielada das outras uns 30 metros, e foi destinada a servir de hospital.

Ao escurecer, todos setavam cansados. O instrutor organiza o serviço de sentinela para a pri-



meira noite e determina qual o chefe de patrulha que deveria cuidar da substituição das guardas. Nada houve de anormal nesta primeira noite, a não ser o uivo dos lobos que rondavam perto e o miar de um galinheiro do mato, que se ouvia de quando em quando, o que muito assustou aos novatos.

No dia seguinte fomos acordados pelo toque de alvorada. Logo foi hasteada a bandeira e,

no momento, feita uma preleção sobre a mesma. A patrulha S. Paulo tomou conta da cozinha, e em breve tinhamos o café pronto. Nova lição sobre os alimentos, principalmente os excitantes, nos quais se enquadra o café. O mesmo café serviu de tema para novo assunto, quando um aluno perguntou pela exportação deste produto pelo porto de Santos.

As nove horas é dada a instrução militar, que durou até às dez. Nesta hora houve nova distribuição de serviço, sendo uma patrulha mandada para a cozinha e outra para guardar o acampamento.

As duas patrulhas que ficaram livres, Minas-Gerais e S. Paulo, foram fazer no mato próximo um combate simulado, que terminou com a vitória da primeira.

Ao meio dia foi servido o almoço. Começamos então a receber visitas, que, entretanto, não interromperam o nosso serviço. Toda pessoa que chegava trazia uma dádiva qualquer. Um fazendeiro que mora a três quilômetros do local onde estamos, e que se chama Adolpho Rezende, foi de uma gentileza extraordinária para conosco. Assim, nos enviava óleo, diariamente: leite, farinha, frutas, etc.

Não tivemos necessidade de mandar o correio neste dia, porquanto todos os escoteiros receberam visitas de pessoas de suas famílias.

Quando o sol se arrefeceu, os escoteiros foram brincar, tendo eles escolhido o jogo da "caça ao veado". É interessante e desperta a sagacidade da criança. Consiste em um dêles se esconder no mato e depois ser procurado por uma matilha, que é composta dos escoteiros restantes, da patrulha que está brincando. Uma variante deste jogo é a "caçada da onça", e a única diferença consiste em que a onça pôde subir nas arvores, e o veado, não.

Mais tarde, o jantar. As visitas se despedem. O céu se cobre de nuvens escuras. Há sinais de chuva. Mesmo assim, ao toque de reunir, todos de juntam em frente à barraca do comando. É iniciada uma lição sobre transmissão dos sinais. O alfa-



beto Morse é explicado. Para isto empregamos bandeirinhas, apitos e lanternas. Mas a chuva cai. Todos se recolhem às barracas. Tocou-se silêncio. A sentinela tem permissão de fazer e guarda dentro dos abrigos. Passa-se a noite sem novidade, a não ser a chuva, que cessa, sem cessar.



Na manhã seguinte temos três doentes: um, com um acesso de asma, 2 gripados. Foram recolhidos no "hospital". A nossa ambulancia estava bem provida. No primeiro é feita uma injeção de asmganglina. Para os outros o enfermeiro fornece limonada purgativa, aspirina e o mais necessário. O primeiro melhorou

logo. Os outros, no dia seguinte, já estavam de pé.

Há tambem um acidente com uma das carrocinhas de nosso "combolo". O eixo se partiu. Não foi nada. Em uma hora os nossos carpinteiros a puséram boa, de novo.

Por sugestão de um escoteiro, há diversas lutas livres entre eles. Mais uma vez a patrulha Minas-Gerais sai vencedora. Tambem é a patrulha dos fôres.

Vamos procurar um local para nos banharmos. Achamos um poço em um correço que estava pouco. Era raso e estreito. Mesmo assim, nos serviu muito.

A chuva volta a nos importunar. Entretanto, é preciso que se trate do almoço. Tíhamos lenha guardada em uma das bar-



racas e improvisamos a cozinha dentro da mesma. O rancho saiu as horas de costume.

Passada a chuva, o correio é despedido. Cada um escreve á sua familia. Os que não a têm em Campina Verde, escrevem a seus amiguinhos. O correio é "expresso". Vai a cavallo. No fim de 3 horas, volta com as respostas.

A tarde damos uma batida pelo mato, onde havia sido encontrado um tamandú bandeira. Não o vimos. Aproveitamos, entretanto, da ocasião, para colhermos algum material para o nosso museu escolar. Observamos tambem a utilidade das madeiras

ali existentes. Extraímos oleo de uma copaiba.

Mais tarde, janta, alfabeto Morse, toque de silencio, chuva fina.



O dia seguinte era 13 de Maio. Foi aberto com uma lição sobre escravatura, sendo bem frisada a vida dos escravos em nossos fazendas. Cada qual queria con-

tar uma historia que vovô lhe contara. No fim, todos tinham contado qualquer coisa e mais diriam se neste instante não tivesse chegado o correio e saíssem todos a correr, em busca de uma "carta da mamãe".

Com pequenas variantes, assim continuou a vida no acampamento, até a nossa volta.

Esta se deu em um sábado, pela tarde, e a viagem foi muito rápida. Gastámos apenas hora e meia. E' que, pelo caminho, a chuva voutou de novo a nes importunar.

Quando chegámos, todos diziam: Que pena, "podíamos" ter ficado mais uns dias . . .

Oswaldo Vieira Gonçalves,
Oswaldo Vieira Gonçalves,
diretor do Liceu Mineiro.

DAQUI E DALI

Escola de Aperfeiçoamento no Brasil

(Serviço de informações do Bureau Internacional da Educação)

O governo de um dos Estados brasileiros, o de Minas-Gerais, cuidando de melhorar a escola primaria pública e de realizar a reforma escolar projetada pelo seu antigo secretario de Instrução Pública, Dr. Francisco Campos, creou, em 1929, em Belo-Horizonte, a Escola de Aperfeiçoamento para as professoras do Estado. Como na maior parte dos Estados do Brasil, os professores primarios do Estado de Minas-Gerais são quasi exclusivamente mulheres.

O pessoal docente da Escola de Aperfeiçoamento é constituído, de uma parte, por professores brasileiros enviados ha tempo ao "Teachers College", da Universidade de Columbia, em Nova-York, para ali estudar os principios e métodos da escola ativa; de outra parte, por professores europeus chamados a Belo-Horizonte para o ensino da psicologia e das artes applicadas. Entre estes ultimos, cumpre men-

cionar o dr. Simon, de Paris, o dr. L. Walther e a sra. Artus, de Genebra, que ali ensinaram durante os primeiros anos. A sra. Helena Antipoff, antiga professora do Instituto J. J. Rousseau, de Genebra, dirige atualmente o laboratorio de Psicologia experimental, e a senhorinha J. Milde, da Academia de Belas Artes de Bruxelas, ensina artes.

As alunas da Escola de Aperfeiçoamento são recrutadas entre as professoras, as diretoras e, até as inspectoras primarias; élas são, de ordinario, jovens e fizeram um estagio escolar mínimo de dous anos. São escolhidas as que particularmente se distinguiram pelos dons da intelligencia, da iniciativa e de energia. A saúde física é tambem levada em conta na escolha das candidatas, porque o trabalho que a Escola de Aperfeiçoamento exige delas durante os dous anos de curso demanda uma resistencia física, consideravel para um país tropical.

Cada um desses dous anos conta cerca de 50 alunas. Além do seu tratamento de professoras, as alunas recebem do governo uma ajuda de custas para manutenção na Capital, e o governo paga igualmente as substitutas nas escolas de que élas se ausentam por dous anos.

O ensino compreende uma parte teórica (principios da Educação, suas bases biológicas e psicológicas) e uma parte prática mais desenvolvida, em que as alunas participam nos trabalhos de pesquisas acerca do desenvolvimento físico e mental da criança, da organização escolar, da psicologia do mestre, dos problemas e métodos didaticos da leitura e do cálculo, da literatura infantil, etc.

Graças a essa participação das alunas nas pesquisas experimentais, foram recolhidos, acerca da criança brasileira e escolar, documentos numerosos e interessantissimos publicados oportunamente na revista oficial da Educação (*Revista do Ensino*), bem como nos boletins da Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas. Minuciosas análises e críticas das obras didáticas, em particular dos livros de leitura, foram empreendidas pelas alunas; cada uma destas é ainda obrigada a organizar o seu proprio livro de leitura do 1.º gráu para as crianças de 6 a 7 anos, acompanhado de um manual para o ensino da leitura global. Alguns desses *pré-livros* e vários manuais estão atualmente no prélo e vão ser distribuidos nas escolas.

A Escola de Aperfeiçoamento não se limita a ministrar conhecimentos a seus alunos e a iniciá-los nos métodos de investigação e de educação. Tem tambem o cuidado de formar-lhes o caráter profissional e prepará-los para a sua fu-

tura taréfa — a de orientadoras ou professoras técnicas (tal é o título que o diploma da Escola lhes confere) em suas escolas, aonde elas reingressam ao cabo de dois anos e onde deverão realizar a reforma escolar.

As obrigações das professoras técnicas diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento são as seguintes: organizar as classes escolares selecionando os alunos de maneira a grupá-los em classes homogêneas (fortes, médias, fracas e especiais) por meio de tests psicológicos e escolares elaborados pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento (esses exames são, ora, coletivos, ora, individuais); corrigir a classificação pela observação durante os três primeiros meses do ano; controlar, mediante tests, os progressos escolares e outros no fim do semestre e aconselhar o diretor no que concerne a promoção; dirigir o trabalho pedagógico de quatro classes experimentais (uma de cada grau escolar) orientando os professores dessas classes da maneira mais metódica e mais concreta; dirigir as reuniões dos professores da escola, quinta-feira pela manhã (horas reservadas à cultura profissional do corpo docente primário), consagrando-as à discussão de problemas relativos à escola ativa, bem como à análise dos casos concretos e das medidas que convier adotar; iniciar as professoras nos diferentes processos de "socialização" escolar para a organização de clubs de leitura ou de história natural, do conselho de crianças, das associações de pais, das caixas escolares, dos "auditórios" (demonstrações periódicas e públicas das atividades das crianças, onde as demonstrações históricas são frequentes, bem como os jogos de geografia, de cálculo, os concursos de educação física, etc.); procurar aproximar a escola e a família.

Os professores técnicos são obrigados a enviar ao Departamento da Instrução Pública (Secretaria da Educação) relatórios semestrais acerca da própria atividade, das condições do seu trabalho, das dificuldades encontradas, e juntar uma cópia dos mesmos destinada à Escola de Aperfeiçoamento. Isto permite que o Corpo Técnico da Secretaria da Educação lhes acompanhe o trabalho e lhes dê instruções para generalizar tal medida ou tais processos didáticos novos que deram resultados satisfatórios nas classes experimentais.

Atualmente, o número de professoras técnicas diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento se eleva a 230. Há, portanto, 230 escolas públicas, com uma população escolar de cerca de 120 mil crianças, que se acham sob o regime de

uma pedagogia mais moderna, onde se levam em conta os interesses e a capacidade das crianças, onde seus progressos são controlados por métodos mais objetivos e precisos, onde correntes de vida mais aliva os aproximam mais e mais da sociedade, onde se procura, continuamente aperfeiçoar as condições e os meios para melhor educá-las e instruí-las.

Quanto à Escola de Aperfeiçoamento, ela é enriquecida por esta correspondência sistemática com as suas antigas alunas por meio de relatórios que elas apresentam, dos esclarecimentos que solicitam e das críticas aplicadas à realidade escolar quotidiana. As professoras se inteiram da experiência de suas ex-alunas; a Escola de Aperfeiçoamento evolve, pois, e melhora sem cessar.

Esta breve nota basta para mostrar toda a originalidade da Escola de Aperfeiçoamento. Ela é, salvo erro, única no seu genero.

Aliás, a experiência de seus quatro anos de existência e o papel que ela desempenhou, a realização dos progressos notabilíssimos do ensino primário do Estado de Minas-Gerais repercutiram noutros Estados (S. Paulo, Pernambuco Distrito Federal, etc.) que se dispõem a criar escolas de Aperfeiçoamento análogas à de Belo-Horizonte.

(Boletim à Imprensa, do Bureau International d'Education Genebra, de maio de 1933).

O ensino da geografia

(Trabalho apresentado na reunião de leitura do grupo escolar de Paracatú)

Como condicionar o ensino da geografia aos interesses das crianças?

Devemos começar o ensino da geografia da localidade para ampliá-lo ao município, Estado, país, planetas ou ao contrario?

A geografia constitue um estudo de finalidade dupla, que se serve dos dados de várias ciencias, como a astronomia, para verificação do estado atual da terra, nas suas aplicações à existência animal e vegetal. A investigação precisa e verdadeira do fim do estudo da geografia traz uma modificação bastante frizante na sua metodologia.

No estudo atual da geografia, devemos procurar um sentido *interpretativo* e não *descritivo* para o seu objeto, como até então tem sido feito.

Se, por exemplo, tivéssemos que estudar geograficamente os povos do Tibé, deveríamos procurar saber porque têm eles os pulmões exorbitantes e os membros curtos e não limitar-nos a descrevê-los simplesmente.

O ensino da geografia deve ser intuitivo, feito no *livro da natureza*, e, não sendo isto possível, é que devemos lançar mão de material que o torne interessante, atraindo e alimentando a fantasia da criança, fazendo-a sentir e entusiasmar-se pelo "Belo" da natureza, da sociedade e da vida.

O verdadeiro ensino da geografia é altamente significativo, porque ensina as condições de existência do indivíduo, mostrando-lhe onde há mais facilidade para a sua adaptação ao meio.

Uma pessoa que conheça geografia não irá, por exemplo, explorar o ferro no Amazonas, ou a carnaúba no Sul.

Dado o fim que a geografia visa hodiernamente, isto é, pôr o homem em contacto directo com a natureza, torna-se imprescindível que ele seja excessivamente observador, afim de que o modifique, tirando o que lhe interessa e repelindo sábia e concenciosamente aquilo que lhe possa ser prejudicial, dentro do seu país, por observação directa. Ora, o ensino da geografia que, até então visava apenas o *aprendizado da nomenclatura*, não preenchia cabalmente o seu objetivo.

Os nossos livros eram cheios de definições vagas, listas de nomes de cidades, de rios, de montanhas, etc. Dessa maneira, o ensino de geografia conduzia a criança por um caminho obscuro, inútil, embrutecedor.

Como devemos condicionar o ensino da geografia aos interesses da criança?

A vida do homem está intimamente relacionada com o meio. Para condicionar o ensino da geografia aos interesses da criança, é necessário que a levemos ao conhecimento do meio, identificando-a com o mesmo.

O ensino, fica, desse modo, condicionado aos interesses, por que esta, tendo o conhecimento do meio, naturalmente se interessará por ele, graças as suas forças egocêntricas, poderosamente auxiliadas pelo desejo da descoberta e da vitória.

A geografia é uma ciência, antes de tudo, de observação directa. Logo, no seu ensino, é necessário que a criança observe e investigue, procurando os *porquês* dos fatos.

Para alcançar o valioso objetivo dessa ciência, é necessário que não percamos uma só observação, por mais insignificante que seja.

Uma vez a criança conhecedora do meio, devemos canalizar o seu egocentrismo no sentido de fazê-la conhecer, a seu proveito, outro meio, comparando-o com o conhecido, por observação indirecta.

Assim, por exemplo, para ensinar os Estados-Unidos, podemos, por exemplo, partir do Amazonas (meio conhecido), falando da borracha, e conduzir a criança ao automóvel, perguntando-lhe onde é ele fabricado.

Seguidamente á observação de diversos outros produtos do referido país desconhecido, conduzimos a criança, naturalmente, e sem ela sentir ao conhecimento de um meio estranho que já lhe interessa pelos seus produtos com os quais ela já se acha tão familiarizada.

Uma vez a criança interessada suficientemente pela geografia, vendo em páginas claras as suas vantagens, o trabalho passa a ser, agora, inteiramente nosso.

Cumpra a nós professores saber como devemos ministrar esse ensino; isto é, se pelo método sintético, analítico ou mixto. As opiniões divergem nesse sentido — Autores há que colocam em primeiro plano o sintético; outros, o analítico. Contra essas duas correntes, porém, levanta-se outra, opinando contra o emprego particularizado desses, adotando o método mixto, quando notar deficiência no ensino ministrado por um ou outro método. Nós estamos acórdes com a ultima corrente e pensamos não estar sozinhos.

Antes, porém, de dar inicio ao ensino da geografia, devemos considerar, mais de perto, o mundo infantil, lembrando-nos de que esse se limita, apenas, ás cousas que cercam a criança.

E' preciso, desse modo, que tenhamos em vista o ensino, partindo do conhecido para o desconhecido, do proximo para o remoto. Ora, o mundo conhecido da criança é o ambiente escolar, e, ao nosso vêr, esse deveria ser a casa do proprio aluno. Isto, porém, é opinião nossa.

Conhecendo a criança regularmente a sua localidade, teremos mais ou menos concluido o ensino da primeira unidade, cumprindo-nos, em seguida, saber qual a unidade imediata que devemos ter em vista. Segundo alguns au-

tores, a criança não pôde compreender as partes de um *todo* que ainda lhe é inteiramente desconhecido.

Após o estudo da localidade, imprescindível se torna escolhermos outra unidade, entre as desconhecidas para a criança: município, Estado, país, continente, mundo. —

Que unidade devemos seguir?

De acôrdo com Proença, seguidamente ao ensino da localidade, devemos seguir; digo, dar á criança noção vaga do *mundo como um todo*, porque, assim, ela compreenderá a divisão da superfície da terra, e, logicamente, do país, do Estado e do município, estudo esse que devará abranger os primeiros anos do curso primario.

Obtida essa noção geral, será o Estado a verdadeira unidade escolhida, após a localidade, para um estudo mais sistematizado.

Terminado o Estado, passaremos ao país e, em seguida, ao continente.

Tendo a criança noção geral da terra, passará a estudá-la em relação aos demais astros. E'la será a unidade conhecida para o estudo do universo, limitando-nos a descrevê-la simplesmente, fazendo com que a criança ponha em jôgo o seu raciocínio.

Todos esses estudos, deverão ser feitos mediante o seguinte principio: A geografia é um estudo de fatos e não de cousas, pois todos os accidentes geográficos têm a sua influencia particular, e é isto que nos interessa.

O homem como animal está preso ao sólo e sujeito a todas as influencias mesológicas. Com a sua intelligência, pôde adaptar-se a todos os meios, vencer todos os obstáculos e crear, para si, todas as facilidades, aproveitando-se dos elementos naturais. E' isto, precisamente, o que se deve mostrar á criança no ensino da geografia.

Meios de que podemos lançar mão para tornar interessante e atrativo o ensino da geografia:

I — Excursões: E' excusado començar a utilidade das excursões no ensino dessa disciplina; entretanto, faz-se mistér frisar: a) Preparação adrede de um plano com objetivo fixado, para evitar o perigo de se transfromar a mesma em simples passeio; b) a classe deve ser conduzida em pequena turma, para que as observações sejam feitas com proveito.

II — *Taboleiro de areia*: — Auxilia sobremaneira a compreensão de relevo, cidades, vulcões, etc.

III — *Aparelhos*: — Globos, especialmente em alto relevo, sistêma planetario, bussola, etc.

IV — *Mapas planisférios*: — Que devem ser usados como o dicionario, pois, sendo um verdadeiro complemento da aula, localizam os logares para fixação do conhecimento. Usando desses, chamamos a atenção das crianças para a proporção.

V — *Exercícios gráficos* — cuja excellencia é incontestavel; mas que constituem apenas um dos processos auxiliares desse ensino.

VI — *Dramatizações, gravuras, noticias de jornais, revistas, cartões ilustrados, quadros elucidativos, etc.*

— Acima de todos os processos illustrativos, porém, estão os aparelhos de projeção, mórmente o *epidiáscopio*, uma das maiores realizações do homem para o ensino da geografia.

(a.) *Maria Amelia Netto.*

Maria de Lourdes Lima

Antonio Ribeiro Junior.

Apreciação feita sobre o trabalho apresentado pelos Professores Maria Amelia Netto, Lourdes Lima e Antonio Ribeiro Junior, sobre a metodologia da Geografia.

Atentamente observado em todos os seus mínimos detalhes, chegámos á conclusão de que esse trabalho, atinge á sua finalidade e nosso objetivo comum: Conhecimento da metodologia da Geografia; baseadas na observação e na experiencia, apresentamos todavia, as nossas sugestões:

Na parte referente ao objetivo deviam ter esplanado mais, pois, além do grande objetivo da geografia na escola primária, que é o mesmo da educação, isto é, o desenvolvimento total, (físico, moral, social e intelectual) do individuo, temos também objetivos particulares, que devem ser considerados pelo professor. São os de ordem prática e de ordem cultural: Os primeiros têm por fim auxiliar o individuo a resolver problemas quotidianos da vida, e, o segundo, desenvolver, espiritualmente o individuo, quer intelectual, social ou moralmente falando. A Geografia tem uso práctico na vida: usamo-la quando queremos localizar uma cidade, um acontecimento, fazer uma viagem, etc.; é no comercio, na industria, que mais se encontra a Geografia. O uso da

bussola, da planta, do mapa, deve ser ensinado, então, com um fim prático.

Falando-se sobre os objetivos de ordem cultural, devemos salientar a confraternização dos povos. Por ela poderemos fazer compreender a necessidade da contribuição recíproca dos povos. A Geografia estabelece certos hábitos de pensamento e ensina a observar as relações do homem com o universo.

Muito bem dizem os autores que a nós, professores, cumpre saber ministrar o ensino da Geografia. Devemos considerar o método, mas não descuidar, também, do conteúdo, quer dizer: devemos encarar o ensino sob dois aspectos: a) sob o ponto de vista do método; b) sob o ponto de vista do seu conteúdo.

Quanto ao método, ele poderá ser o misto, mas, o preconizado, será o projeto cujas lacunas, serão preenchidas por problemas. No método misto, cabe perfeitamente o problema. Quanto à matéria, verá o professor que é grande o problema, mas, não terá preocupação de esgotá-lo, porquanto, ele é apenas um guia. O melhor programa é aquele que o professor puder organizar, de acordo com o meio, com a situação da escola. Dividiremos o programa em grandes tópicos, destes destacaremos pontos importantes que servirão de guia, e, que estejam ao alcance da criança. Para isso a matéria deve ser sistematizada, para que não percamos em detalhes, abandonando, assim coisas importantes.

A maior preocupação do professor será dar ao aluno bons hábitos mentais, pois não é possível dar-lhes todos os conhecimentos ou informações necessárias na vida prática. Daremos hábitos como: despertar desejos de conhecer fatos geográficos; ensinar onde procurar informações para resolver problemas geográficos da vida; como usar, praticamente, essas informações; despertar e alimentar o interesse pela matéria, de modo que possa continuar a estudá-la depois da escola.

Como deve ser a matéria apresentada em aula? Deve ser do modo mais interessante possível, satisfazendo as leis da aprendizagem. Para isso, o professor terá de desenvolver a sua lição, tirando do meio, tudo que se lhe oferecer. No desenvolvimento, deverá o professor considerar quatro pontos: a) preparação da lição; nessa preparação, terá de rever, com os alunos, o que já foi dado, o que se sabe da matéria, os elementos primordiais do problema a ser resolvido; b) colheita de dados e informações; dado o problema fará o professor com que esse seja argumentado pelos alu-

nos para que prevejam a conclusão do problema; assim, terão os alunos, de recorrer à biblioteca, de pedir informações a pessoas cultas, etc.. Terá o professor ainda em vista que o problema tem por fim atrair a atenção dos alunos e não desviá-la. Terceiro passo: (conclusão) O aluno chega a uma conclusão ou tentativa de conclusão; pouco importa se a solução dada foi certa ou errada, o mais importante é que a solução seja dada, conforme as informações colhidas. O aluno trabalhou. Quarto, finalmente: (verificação ou aplicação). Devemos lembrar que a Geografia exige uma recapitulação. Vem aqui o grande valor dos jogos.

Na metodologia da Geografia deve o professor estudar os seguintes pontos:

EXEMPLO : — 4.º ANO

Porque a Capital do Brasil deve passar para o planalto da Central?

MOTIVAÇÃO : — Surgirá no momento : palestra, gravuras, ou qualquer assunto aproveitável.

PREPARAÇÃO : — Tirar informações. Estudar legislação. Aparecem sugestões ou hipóteses, como : porque, no centro, é acessível a todos os países. Fica mais protegida do estrangeiro. Questões administrativas, etc.

COMPARAÇÃO : — Como outros países, cujas capitais são centrais, se desenvolveram.

CONCLUSÃO : — Porque não está ainda no Planalto? por esta ou aquela razão.

VERIFICAÇÃO : — Ou

APLICAÇÃO : — Convém ou não a mudança?

QUANTO AO MATERIAL

É indiscutível o valor do livro da Natureza, mas, não basta; é necessário que se recorra, também, à fonte de informações, isto é, aos livros. Não é decorar páginas e páginas de geografia, mas ler as geografias para localizar lugares, tirar informações, para solução dos problemas, etc. O professor deve usar, no ensino de geografia, de anedotas, livros de viagens, de contos, literatura, enfim.

Os jógos de cores e de fórmás, diagramas e modelagem, são ótimos materiais no ensino da Geografia. Quanto aos mapas, não devem ser apresentados no início do curso, porquanto a criança não compreende e nem póde compreender o que representam com seu emaranhado de linhas e pontos.

Christina Dias, orient.-tecnica.

Georgina Pimentel de Ulhôa.

Altina de Paula Guimarães.

Objetivo do ensino de geografia { De ordem geral
De ordem particular

Metodo { Metodos adotados { Porque o projéto ou problema é preconizado como guia
Matéria { Programa
Sistematização da materia
Escolha de pontes importantes da materia
Habitos mentais
Horario flexivel

Processo { Fazer o plano tendo em vista { Leis de aprendizagem { Satisfação ou predisposição
Exercício
Efeito
Matéria :
Preparação da lição, colhendo informações
Comparação das informações e sugestões
Conclusão
Verificação
Forma indutiva, usando, tambem, a dedutiva

Material { Excursões
Compendios e livros de literatnra, de anedtoas e de contos
Taboleiro de areia e argila para modelagem
Globo
Bussola
Aparelhos :
Sistema planetario, etc.
Mapas e planisferios
Graficos, diagramas, plantas, esquemas, etc.
Dramatizações, revistas, jornais, cartões, gravuras, etc.
Aparelhos de projeções, epidiascopio, etc.
Viagens

Origem: Doação

Preço: —